FON FON

ANNO XXIII — N.º 48

Rio, 30 de Novembro 1929

PREÇO: 1$000

O Destino de José Eduardo

NA janella de seu quarto, que abria para a rua, José Eduardo rememorava os ultimos acontecimentos de sua vida.

Estava a sós com o seu cigarro — o cigarro providencial, que lhe disfarçára sempre as horas amargas do destino. Saboreava a solidão deliciosa daquelle domingo de bairro, enfiado no seu pyjama, feliz e calmo.

Na rua havia o movimento banal dos domingos: os bondes cheios, os automoveis festivos, os transeuntes compassados e de calças claras.

José Eduardo, mergulhado nas recordações, via resurgir do mais profundo de sua alma as scenas e as emoções dos dias já vividos. Inventariava a sua mocidade, regressando ao passado pela memoria, num temor afflictivo e saboroso de reexperimentar as velhas dôres. Vinte e cinco annos!... Vinte e cinco annos de ansiedade, de desillusão e de sonho!...

Vinha-lhe a magoa resignada de sentir a vida tão vazia e tão rebelde á sua luta ardente. Nada realizára ainda dos seus projectos — os seus projectos febris de ambicioso. E quanto esforço, quanta coragem, quanta paciencia não dispendêra, entretanto, até agora! O destino, como uma vontade mais forte, resistia sempre ao heroismo da sua perseverança.

E vinha-lhe, agora, a explicação subtil do seu fracasso, nessa tarde macia e doce, que lhe aguçava tão finamente a intelligencia: era o amor o seu mortal inimigo, o seu invisivel adversario. Fôra elle que, como um vento perverso, lhe arrazára sempre os castellos, quasi erguidos pelo trabalho e pela fé. Fôra elle que, no momento decisivo das realizações sonhadas, lhe insinuára sempre adiamentos timidos e recuos infelizes. Fôra elle, sobretudo, o supremo conspirador de sua mocidade atormentada e soffrega.

— O amor é um mal... Terrivel como uma desfigurante enfermidade, devastador, implacavel... O amor é a variola da alma — monologava José Eduardo. E' elle que faz a vida injusta e illogica, a desordem do mundo, a incerteza do destino humano. E' elle a grande, a perigosa concessão ao acaso, ao longo da jornada terrena... Perturbador como uma encruzilhada, perfido como um pantanal.

Recordava-se das palavras de sua mãe, tão ungidas de piedade christã, de que "o amor era a mais feliz das graças", com um sorriso desenganado e sceptico.

Por toda a parte o via sempre devastando e desgraçando, numa furia cruel. E quando satisfeito e attendido, vira-o sempre absorvedor, egoista, insaciavel, rival da arte, ladrão do trabalho, competidor da fé!!

Si percorria a historia, via-o como o ridiculo dos grandes homens, a força que os amesquinhava, enfeiando-lhes a obra e a vida. E' elle mais do que Waterloo, que aos olhos da posteridade fractura a gloria de Napoleão. Enlodôa-a de covardia, arranca-lhe a sobrehumana fulguração.

Não fôra á tôa que os antigos o representaram por uma creança nua, o Cupidinho roseo das mythologias, atrevido e infernal. Na realidade, essa criança insupportavel destruia o sonho adulto da humanidade. Impedia a ordem, o methodo, o progresso no planeta — a grande casa do homem.

José Eduardo via-se subitamente libertado das vergonhosas capitulações a esse ridiculo tyranno. Via-se superior, inattingivel, desembaraçado e livre na sua grande marcha ao triumpho e ao pleno desenvolvimento de sua personalidade.

Amanhã a sua vida rolaria, em turbilhão immediato, pelo curso natural ao seu destino de grande homem. Seria inflexivel ao sentimento, frio e calculado como um inglez. Nada mais de sentimentalismos idiotas a lhe roubarem os dias tão preciosos á construcção do seu futuro.

Romperia com Thereza. Mandar-lhe-ia as cartas, em grandes maços, que o ligavam áquelle passado tristonho e obscuro.

Não queria mais saber della. Era ella a nuvem de sua *estrella*, a estrella que o predestinára ás grandes posições e aos grandes feitos.

Riu, sosinho, contente com as suas resoluções. Viu-se já victorioso, temido e applaudido pelos homens, poderoso, invencivel.

Foi tão forte a sensação, que se poz a cantar, propositadamente, com uma fina intenção de ridicularizar o romance de sua vida:

"Não quero saber mais della.
Não quero saber mais della"...

(Segue adeante)

O COMMENTARIO

O Brasil — viva! — occupa o primeiro logar na estatistica cinematographica da America do Sul.

A Argentina possúe 34 cinemas de 800 logares na media e um de 2.500.

O Chile, 26 cinemas, dos quaes dois apenas de menos de mil logares, havendo alguns de 3.000.

Os outros paizes do continente ficam todos abaixo desses dois.

E o Brasil tem 67 cinetheatros de capacidade superior á media argentina de 800 logares, dos quaes unicamente 15 passam á categoria de menos de mil cadeiras, sendo que 30 delles, quasi a metade, numeram 1.200 logares, alguns 2.500, dois 3.000 e um o Odeon de S. Paulo consta de dois salões, um com 2.300 e outro com 2.800.

Progresso!

Antes tivesse essa proeminencia em escolas publicas. Mas, emfim, é sempre melhor a hegemonia cinematographica do que nenhuma. Consolo...

O CONTO BRASILEIRO

(Conclusão)

como uma primeira punhalada na respeitabilidade das recordações.

* * *

JOSE' Eduardo procurava na gaveta de sua mesa os maços de cartas. Eram varios, amarrados em fitas. Tomou-os nas mãos, revolvendo-os. Vinha delles um perfume delicioso de moça. As letras eram enormes, garrafaes, modernas. Lembravam grampos longos a prender as idéas...

Não resistiu á tentação de relêl-as. Abriu a ultima, recebida na vespera:

"*José Eduardo*. — Eu te perdôo mais uma vez o teu genio terrivel. Foste egoista e cruel. Mas o amor sabe vencer essas imperfeições, corrigindo-as pela dedicação e pela brandura.

"Os homens não suspeitam quanto devem ao amor!... E' elle que dá genio ao artista, doçura ao bruto, firmeza ao vacillante, fé ao incredulo.

"Nada de grande se fez na terra, sem o auxilio de sua scentelha e a esperança de sua recompensa. E' o amor que permitte aos homens viverem uns com os outros, sem lutarem como tigres. E' elle que dá á sombra da vida luminosidade, attracção e mysterio. Movimenta-a e explica-a. A civilização é o seu maior milagre. A arte a sua sonóra consequencia. Si não fosse o amor — e eis ahi para mim a sua decisiva significação — tu não existirias, José Eduardo, com toda a tua crueldade e ingratidão.

"Espero-te, amanhã, com o meu beijo, ás duas horas. — Tua T."...

José Eduardo deu um pulo na cadeira. Tirou o relogio, nervosamente, afflicto.

Cinco minutos, apenas, para as duas!

— E Thereza, meu Deus, que dirá?!

Vestiu-se como um louco, desorientado, sahindo a correr, sem folego, para a rua.

* * *

O cigarro atirado ao chão fumegava, silenciosamente, no quarto abandonado, evolando a sua tumaça azul. Havia, na desolação do quarto e na espiral melancolica da fumaça, a religiosidade do sacrificio.

José Eduardo já é — sem o saber — um grande homem!

JOSE' DE PIRAPAMA.

A MINHA LYRA

De ANITA CAYROL

TRANSIDA de dôr, em virtude de uma vida cruelmente angustiada, sedenta de felicidade, me afastei para um paiz de sonho.

Percorri um extenso caminho que se achava illuminado por um campo de azul brilhante. A primavera já havia chegado. Os campos esmaltavam com seu verde as socavas e colinas. Um pequeno manancial de medroso curso deslisava sua lympha crystalina reflectindo a folhagem de suas margens. Estava tão occulto na floresta, que só seu murmurio me fez descobril-o.

A' medida que eu avançava, o horizonte se ia transformando, percorrendo a gamma de mil e mil matizes, segundo o tempo e a hora.

Longe, lá na distancia, se via uma casinha branca, de aspecto pacifico, que se destacava como uma pomba em meio do verdor dos campos. Encaminhei-me para ella, sempre pensativo, com o coração oppresso de angustia. De repente, uma fada passou deante de mim, levando em suas mãos delicadas um objecto coberto por um véo tenue, de uma côr tão viva e penetrante, que meus olhos ficaram deslumbrados.

— Fada — disse-lhe — queres dizer-me que é um céo estrellado?

— E' o supremo instante em que dois corações se comprehendem e se amam.

— Eu ignoro tudo isso — respondi-lhe.

E, depois de uma breve pausa, acrescentei:

— Que é o amor? Pode dizer-mo?

— Sim! O amor é uma lyra que cada vez que a gente a pulsa pode arrancar, si a interpreta, si descobre o segredo de sua sublimidade, sons ineffaveis, empolgantes, harmoniosos.

— Como é triste — exclamei, então — não ter eu, uma vez siquer na vida, possuido essa lyra maravilhosa!

A fada levantou, então, delicadamente, o véo que cobria o objecto mysterioso de que era portadora, e uma lyra preciosa, cinzelada, appareceu aos meus olhos.

— Toma-a — disse-me.

E desappareceu.

Refeita da emoção, louca de alegria, recebi febrilmente o divino instrumento. Pulsei, tremula, a primeira corda, e ella vibrou uma conjugação de minha alma como uma alma gemea, e seu gratissimo éco, nunca ouvido, chegou até o fundo de meu coração.

A segunda corda foi já de carinho. A terceira, um beijo.

Procurei repouso sob uma arvore de um verde purissimo, emquanto o sol diluia seu oiro sobre mim. Deante de meus olhos se desenhavam as montanhas mudando de tons. Um reduzido rebanho, que descansava sobre a herva, parecia, á distancia, pelos grupos que formava, ramos de brancas flores espargidas em sua falda. Senti uma embriaguez innenarravel quando consegui que a lyra desse aos meus ouvidos o arrulho celestial de uma musica tão divina, que nunca mais voltei a escutar. Num preludio sonoro todas as cordas vibraram a um tempo...

Tudo isso passou rapida e vertiginosamente como a visão de um sonho. Nesse momento, eu não tinha nem noção do tempo nem da hora...

Quanto durou esse extase? Ignoro-o. Olhei em torno de mim, e uma impressionante transformação, que me encheu de terror, se havia produzido na natureza.

As folhas das arvores, que até então eram de um verde formoso, e que alegravam com seus matizes, haviam murchado e cahiam lentamente, uma a uma, como lagrimas.

Essa chuva de folhas mortas, parecendo symbolizar com sua côr, seu proprio soffrimento, começou a envolver-me como um sudario.

O dia agonizava. O sol havia acabado de enviar seus raios bemfazejos á terra.

Sob a pressão sinistra e obsessora dessa tristeza, só no mundo, com o coração atormentado, tive a impressão de que me arrancavam a alma aos pedaços. Oh, quanto se soffre vendo ir-se tudo o que temos de mais precioso em nós mesmos: as illusões! Essas folhas que morrem tambem, ao cahir da arvore de nossa alma, na hora crepuscular dos infortunios. De novo procurei arrancar modulações sonoras a minhas tres cordas queridas. Impossivel! Os ternos sons com que despertára toda a sensibilidade de minha alma se haviam apagado para sempre. Eu fiquei desolada.

Restava por pulsar a ultima corda, e grande foi minha ventura ao ouvil-a vibrar profunda e delicadamente num sublime lampejo. Minha tristeza se dissipou como uma nuvem, e, ao mesmo tempo, o sol, antes de transpôr o limite do horizonte, me enviara seu ultimo sorriso de ouro. A corda que eu acabava de pulsar era a da Esperança!

Cahi de joelhos para agradecer á Providencia esse favor immenso.

Desde então ha em mim uma ansia renovadora de vida, pois tenho a fortuna de possuir a outra lyra: a espiritual, aquella cujas cordas jamais deixam de vibrar...

Sabonete Araxá

A Grandeza das montanhas de Minas, demonstrou a superioridade do Sabonete ARAXÁ. a base é extrahida do seu seio Lama e Sal de Araxá.

OS MELHORES PARA A PELLE.

Fabricados por Marçolla & Companhia—Bello Horizonte

Como ficarão attractivos os seus moveis

Com uma mão de Lustro «CHI-NAMEL» de Côr, seus moveis velhos terão, outra vez, a linda apparencia de novos.

Basta uma facil e rapida applicação. Qualquer pessoa, por mais inexperiente que seja, obtém os melhores resultados.

O Lustro «CHI-NAMEL» de Côr, é fino para moveis e resistente para assoalhos. Nivela-se por si mesmo. A' prova de agua quente. Economico pelo seu grande rendimento.

Si tem algum movel de apparencia velha, experimente nosso Lustro «CHI-NAMEL» de Côr e se convencerá, por experiencia propria, dos seus bons resultados.

A' venda em todas as casas de louças, ferragens e tintas, etc., etc.

Fabricado pela The Ohio Varnish Co., Cleveland, O — E. U. A.

GRATIDÃO

... me encontrei durante um mez acamado em virtude de um terrivel rheumatismo, o qual desappareceu completamente após o uso do maravilhoso preparado

Elixir de Nogueira

do Pharm.-Chimico João da Silva Silveira.

Maranhão, 28 de Dezembro de 1927.

JOSE' REIS.

(Firma reconhecida pelo Tabellião Dr. Adelman Brasil Correia).

Attesto a veracidade.

Dr. WALDIMIR NINA.
Medico Operador.

(Resumo do attestado).

O HOMEM QUE NUNCA FOI MENINO

De I. EGARRO

QUE influencia exerce a infancia sobre o resto da vida de um homem? Ou dito em outros termos: em que medida os factos occorridos durante a infancia determinam situações culminantes na juventude e mesmo na edade madura?

Curioso seria que os psychologos respondessem a estas perguntas, que são o enunciado não scientifico de um problema interessantissimo no campo psychologico.

Nesse sentido — que não no estrictamente physiologico — tomamos a infancia; a edade da palmatoria, á qual seguem — segundo diziam nossas avós — a do pavão e a do barbeiro, periodo em que os brinquedos, os mimos e as complacencias de toda ordem concorrem para que a alma se molde bem ou mal.

Si essas cousas não existem durante a infancia, como será o homem formal que não haja passado por ellas, que não as tenha gozado?

Fique aos psychologos aprofundar este ponto. Nós outros nos limitaremos a referir fielmente a vida de um homem que, segundo sua propria confissão e expressão, *nunca foi menino, nunca teve infancia*. E o mais curioso é que não se trata de um caso de velhice prematura. Ao contrario: parece que agora, justamente, se despertaram nelle muitas caracteristicas da edade infantil.

Esse amigo e eu viajavamos não faz muito tempo. Surprehendido por certas esquisitices suas, chamei-lhe a attenção a respeito de sua habitual jovialidade, tão em contraste com a austeridade de seu temperamento, com a seriedade com que cerca todos os seus actos.

— E' meu natural — disse-me. — Nunca me detive a considerar por que sou assim.

"Ha quem — como você — se assombra de ver-me rir como um menino, depois de realizar actos dignos de um homem feito e direito. Talvez conhecendo minha vida possa adduzir a razão de meu modo de ser.

"Eu nunca conheci brinquedos. Não porque me faltassem os meios pecuniarios para adquiril-os, mas porque meu pae era um homem que nunca pude comprehender. Quando eu tinha apenas oito annos, passados na solidão provinciana de uma aldeia longinqua, encontrando-me, com minha familia, numa cidade maior, como demonstrasse muita affeição pelo estudo, meu pae me abandonou ao mundo sem outra fortuna além da minha resistencia physica. Eu era um menino robusto, que apparentava muito mais edade, e feito a fadigas improprias de meus annos.

"Obrigado a ser homem antes de tempo, como tantos outros, segui o caminho que me assignalavam as circumstancias em cada caso, sem me preoccupar em nada com brinquedos nem com criancices que não havia conhecido.

"Devo confessar-lhe, e hei de ser sincero, que não tinha inveja de ver outros meninos de minha edade entretenidos em seus jogos infantis. Sentia apenas uma especie de rancor contra meu pae, rancor transformado, de repente, em agradecimento por ter-me elle lançado á luta pela vida, em vez de manter-me á custa de seu trabalho. Dahi, sem duvida, nasce meu desdem pelas pessoas que não sabem ou não querem trabalhar.

"Quando me fiz homem, verdadeiro homem, procurei em minha memória algo que me dissesse como foi minha infancia, minha adolescencia, e não o encontrei. Só se me apresentava claro na memória o dia em que fui expulso de minha casa. Nem uma recordação infantil, traduzida no brinquedo favorito, nas caricias paternas, nas brincadeiras diarias com outros meninos... Nada, absolutamente nada, me diz, através dos annos, qual havia sido minha infancia.

"Não entristeço por isso. Compensam-me as recordações de minha prematura virilidade, de minha luta deante de situações difficeis, numa edade em que muitos meninos ainda pensam nos brinquedos. Eu tinha quinze annos e já era chefe dos operarios de uma grande casa de São Paulo. Pode você imaginar agora que especie de vida levei.

"Depois, sempre pelo mesmo caminho do trabalho, brutal ás vezes, continuei vivendo indifferente aos fracassos, ás maldades humanas e ás ameaças.

"Isso não impede que eu sinta, de vez em quando, uma alegria estranha, que parece um contraste com a minha seriedade habitual; uma alegria propriamente infantil, que chama a attenção dos que me conhecem. Sinto, de repente, vontade de brincar, de entregar-me a transportes innocentes, mas se impõe a sinceridade adquirida no meio das fadigas de meu viver agitado, e aquelle desejo, aquelle impeto se traduz em minha conversação festiva, nessa jovialidade a que você allude, e que é meu modo de ver o lado fraco das cousas e dos homens. Bem vê você, portanto, que tenho razão quando digo que nunca fui menino, que nunca tive infancia, á maneira dos outros homens, que chegam a certa edade em meio de brinquedos e caricias.

"Entretanto, ou talvez por isso mesmo, me desquito dessa falha de minha vida procurando dar a meu filho todos aquelles entretenimentos que a mim me faltaram, tratando-o como um menino, como realmente é. Para que tenha, quando fôr homem, o que contar a seus filhos, si os tiver, e não occorra com elle o que se passa commigo, que não tive infancia, que não tive passado, que vivi sempre no presente."

Ahi está o que me disse meu amigo. Sua palavra serena, sua tranquillidade, sua modestia ao se expressar — tudo era indicio seguro de que falava a verdade, toda a verdade acerca de sua vida.

Esse homem que *nunca foi menino* é, não obstante, um cavalheiro perfeito: franco, sincero, leal, emprehendedor, capaz, por si só, de fazer muito bem.

Deante disso, cabe perguntar: Não seria, porventura, conveniente, para formar o homem do futuro, supprimir a infancia, metaphoricamente falando?

M.

LA VAE PASSANDO UM PACKARD!

NÃO póde haver engano! Pelas suas linhas distinctas, pelo seu todo nobre, pe a confiança que inspira a sua apparencia inconfundivel — um Packard é sempre um Packard. A graça insuperavel de seu desenho está acima de qualquer moda. Á sua elegancia e distincção allia-se a sua potencia invulgar, capaz de vencer as peiores estradas, combinada ainda com a seguranca e suavidade de sua "perfomance" e de seu controle, que se evidencia tanto em marcha vagorosa como em circumstancia de transito intenso.

CONSULTE A UM POSSUIDOR

P A C K A R D

Distribuidores

Companhia Commercial e Maritima

AUTO GERAL

Rua Benedictinos, 1 a 7

Rio de Janeiro

A CONSEQUENCIA DO PERIGO

— Lourenço, conte-nos algumas de suas aventuras.

Gabriel Lourenço sorriu. Em torno delle se movimentavam uns corpinhos graceis, envoltos em gazes e tulles chimericas, e varias cabecinhas juvenis se inclinavam para elle com um olhar de supplica nos olhos garços e languidos de umas, ou nas pupillas negras e brilhantes de outras.

O diplomata, que, mesmo sabendo-se o idolo de todas, não se orgulhava muito, respondeu, amavel:

— Mas, como quereis o episodio? Triste? Alegre? De amor? De perigo?...

E, antes que algum dos labios vermelhos tivesse tempo de responder, exclamou:

— Já o tenho!... Todo um senhor episodio! Ides ver... Ha onze annos, tinha eu vinte e quatro annos e desempenhava o cargo de vice-consul de minha patria no Mexico. Estava, como em quasi todas as epocas de minha vida, apaixonado. Apaixonado por uma americana deliciosa, mas glacial, displicente. Toda a minha eloquencia effervescente, traduzida ao inglez, não conseguia nem um sorriso de seus labios, finos e ironicos...

"Estivera uma longa temporada na capital, ouvindo, como parecia desdenhosamente, minhas declarações, e um dia a vi partir para a fazenda de seu pae, sem que me deixasse a menor esperança. No emtanto, quando começava já a esquecel-a, me surprehendeu agradavelmente uma carta sua convidando-me a passar em sua fazenda a festa de seu anniversario. Segundo parecia, ella não se havia decidido a convidar-me até a ultima hora, porque a tal festa se celebrava no dia seguinte. Eu tinha, portanto, o tempo exacto para preparar a bagagem e tomar o trem.

"A primeira parte da viagem decorreu sem incidentes. A' noite, cheguei a uma estação onde era preciso esperar outro trem, que me deixaria no outro dia, cedo na fazenda.

"Mas, o somno, amiguinhas, nos joga tantas partidas más na juventude! Pensando nos olhos azues de minha adorada, adormeci em um divan da sala de espera. Quando me despertei, já era dia. Olhei o relogio. Cinco horas! Meu trem já tinha sahido ás quatro. Que fazer? Era impossivel estar na fazenda á hora do almoço. E, de certo, Josy (esquecêra-me de vos dizer seu nome) se aborreceria com minha demora. Bem sabeis que os norte-americanos são escravos da pontualidade. Um empregado da estação, que sem duvida observou minha attitude pensativa e meu gesto de desapontamento, aproximando-se de mim, perguntou-me:

"— O senhor perdeu o ultimo trem?

"— Sim, perdi-o.

"E ajuntei animado subitamente por uma vaga esperança:

— Não ha algum trem de carga que passe perto de São José antes das dez da manhã?...

"— Não, senhor. Por via-ferrea, não poderá chegar a São José sinão amanhã, bem de noite. Apenas atravessando o rio e tomando um cavallo chegaria o senhor, tal vez, antes do trem. Mas é bastante perigosa a passagem. Como sua corrente é muito violenta, não póde navegar barca, que a agua arrastaria, e a unica ponte é uma taboa de cerca de trinta metros de comprimento collocada pelos indios de uma a outra margem.

"— E passam homens por ella?

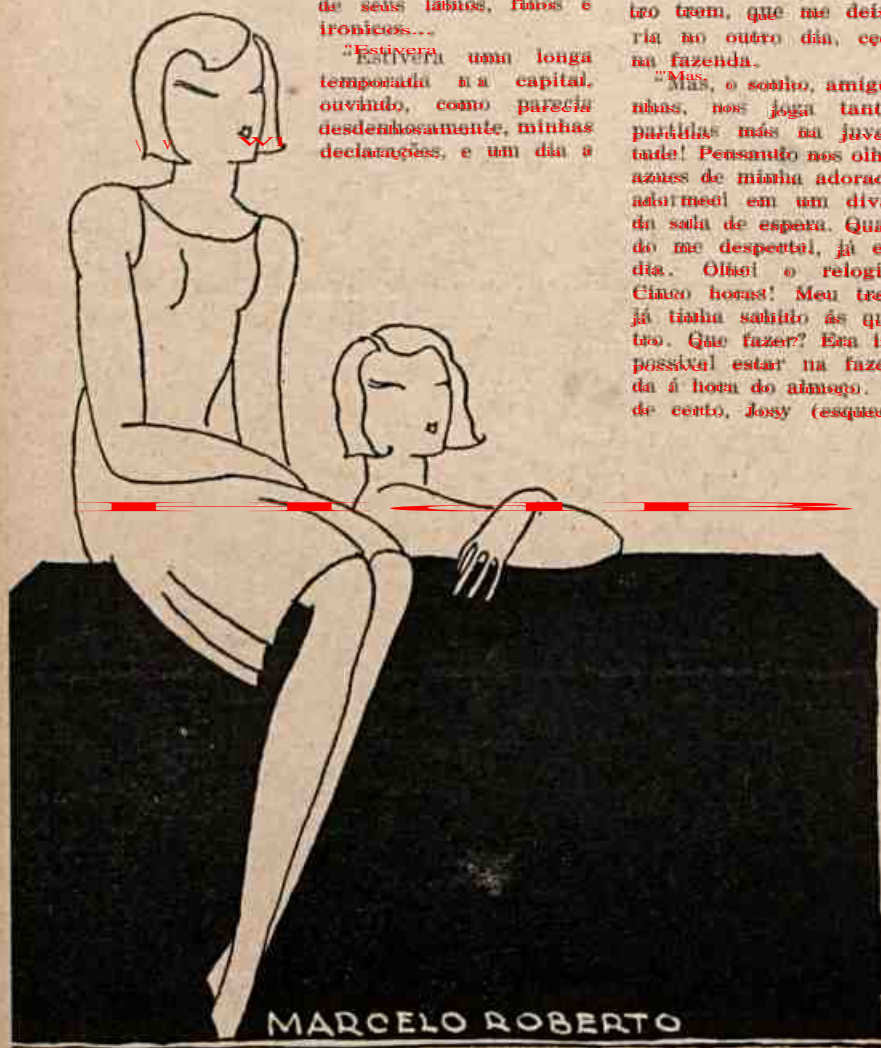
"— Sim, senhor; alguns.

"— Pois lá vou eu — respondeu-me.

"Despachei a malleta, e dirigi-me ao rio pela direcção que me indicaram.

"Não tardei em chegar e encontrar a ponte primitiva.

"Bem, não podeis imaginar o que era aquillo. Uma corrente enorme rodando no fundo de um abysmo com fragor de catarata, e, sobre elle, extendida entre as duas margens, uma grande taboa. Não me detive a pensar nos perigos da aventura. Aguardavam-me uns olhos maravilhosos e um sorriso captivante, que, passada aquella occasião, seguramente perderia para sempre.

"Com os braços em cruz, fazendo equilibrios verdadeiramente acrobaticos, caminhei um bom trecho. Mas, por essa

maldita curiosidade que ás vezes nos perde, quiz olhar para baixo. Nunca o houvesse feito. Vendo-me suspenso no centro do abysmo sobre aquella taboa que se curvava sob meu peso, perdi toda serenidade. Senti um medo horrivel de cahir, um terror que me paralysava os membros e levava meus olhos obstinadamente para o fundo do rio. Pouco a pouco, ao pavor succedeu a vertigem. Contrahiram-se-me todas as visceras. Um suor frio banhava-me as faces, palpitantes, e a cabeça me pesava enormemente.

"Comprehendi, então, que estava perdido. O abysmo attrahia-me, e todo o meu corpo se inclinava para elle, incapaz de sustentar-se. E' indescriptivel esse momento, em que se vê, em que se sente a morte, e, sendo maior que nunca a ansia de viver, se encontra a gente sem forças para lutar. Não é questão de coragem. Porque não é contra outro ser — homem ou fera — que se tem de [illegible], nem siquer contra elementos; é contra a vertigem que se apodera de todo o corpo e resulta invencivel.

"Assim, guiado pelo instincto de conservação, e fazendo um esforço supremo de equilibrio, consegui primeiro ajoelhar-me sobre a grande taboa, depois escanchar-me, e, por fim, segurar-me fortemente com os dois braços, apoiando nella o peito e a cabeça. Não podia gritar. De minha garganta, suffocada pela angustia, só brotavam sons roucos, que o ruido da agua afogava. Naquella posição eu estive uns tres ou quatro minutos, sustentado milagrosamente por um resto de energia. Já sentia que os braços se me enfraqueciam e que o vacuo me arrastava, quando a taboa se moveu sob outros passos humanos. Uma figura, que meu olhar turvo não poude precisar, se aproximou de mim. Senti-me levantado por uns braços de ferro, fechei os olhos, e quando os abri, estava extendido sobre a herva da margem opposta, e um indio, ajoelhado junto a mim, me abanava com seu grande chapéo de palha.

"Imagine-se minha alegria. Levantei-me, andei uns passos, comprovando que estava vivo e que podia seguir minha viagem. Gratifiquei o indio com duas moedas de ouro, que elle acceitou dizendo-me:

" — O que fiz não tem importancia. Nós passamos o rio muitas vezes durante o dia. Temos a

de SARA INSÚA

cabeça firme. O cavalheiro é muito generoso.

"Dentro de pouco tempo pude dispôr de um cavallo, e parti a galope em direcção da fazenda. Pensando outra vez em Josy, já não me lembrava siquer de que, por causa do sorriso de seus labios rosados e do olhar de seus olhos azues, estivera a um millimetro da morte.

"Cheguei a sua fazenda ao mesmo tempo que o trem. Deante de sua casa, depois de entregar as redeas do cavallo a um criado, e quando me dispunha a acompanhar outro para o interior, me encontrei com Josy, que sabia.

"Não poderei esquecer o assombro de seus olhos claros, ao ver-me.

" — Você! — exclamou ella, com uma voz que não me pareceu a sua.

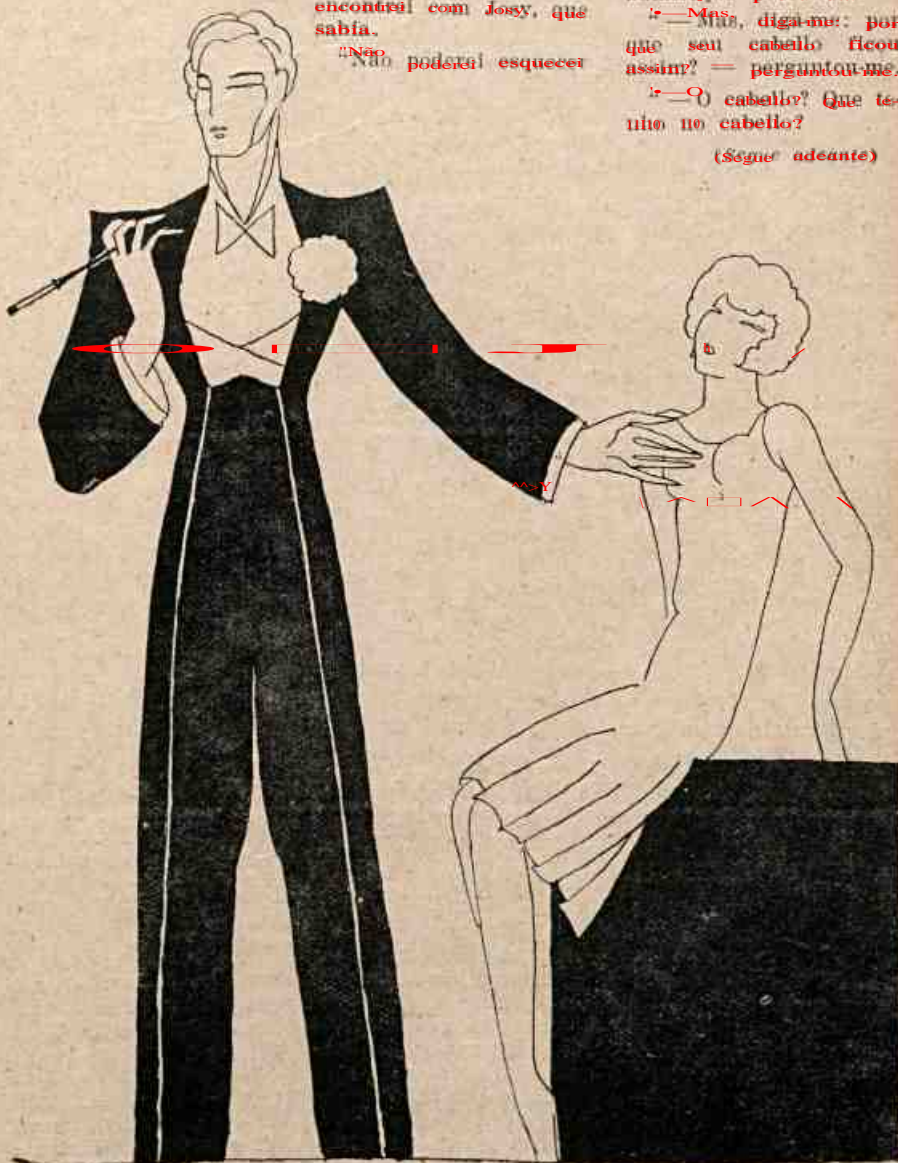
"Attribui seu espanto á desordem de meu traje, que não tivera tempo de reparar.

" — Ha de ver, Josy. E ha de me perdoar quando eu lhe explicar...

"Mas os olhos de Josy, que continuavam cravados insistentemente em mim, já não expressavam assombro, mas uma admiração profunda.

" — Mas, diga-me: por que seu cabello ficou assim? — perguntou-me.

" — O cabello? Que tenho no cabello?

(Segue adeante)

AS LENDAS DO RHENO

Bacharach

(O Burg Stahleck)

ANTES que os vinhos que ali se produzem tivessem fama fóra, já a tinham na velha Bacharach, sendo o deleite de mais de um conhecedor.

Em tempos passados os affeiçoados ao bom vinho elevaram um altar em honra de Baccho, em signal de agradecimento pela generosidade daquelle logar como productor do néctar que tão prodigamente se dava naquellas terras.

No altar havia algumas inscripções que, com o tempo, se tornaram illegiveis. Mas as pessoas da terra conhecem sua significação.

O altar foi erigido em uma roca sobresalente no Rheno e actualmente ainda ha pessoas que continuam a pratica dos sacrificios offerecido ao deus dos bebedores, embora tenha esse acto perdido a solennidade com que era realizado, fazendo-se hoje como méro passatempo, ou para conservar a tradicção.

O conde Palatino Hermann residia no castello de Stahleck, lá pelo tempo de Conrado III, o primeiro imperador da casa de Hohenstaufen.

Devido ao seu parentesco com o imperador, por isso que era seu sobrinho, pensava que lhe era permittido fazer muitas coisas incorrectas, e entre ellas a de julgar poder extender seus dominios em detrimento de seus vizinhos.

Terras confins com suas propriedades pertenciam ao bispo de Mainz, e, devido a questões existentes então entre o poder do clero e o secular, muitos cavalheiros da vizinhança se uniram ao conde em seu proposito de conquista, tomando por assalto o castello de Tréves sobre o Mosela, que pertencia á diocese daquella cidade.

O então bispo de Tréves e Metz, Adalberto de Monstereuil, era um homem intrépido e conhecedor do mundo e dos homens.

Tendo reunido seus soldados, foi expulsar do castello o intruso; mas como considerasse que o conde era mais forte do que elle, antes de atacal-o, reflectiu, recorrendo a ardis afim de assegurar a victoria. No momento de levar a effeito o assalto ao castello, falou a seus soldados, mostrando-lhes um crucifixo, e dizendo-lhes que na noite anterior lhe havia apparecido São Miguel que lhe déra aquelle crucifixo e lhe promettera que a victoria seria delle bispo, si cada soldado atacasse com a convicção de que estava sendo ajudado pelo poder divino. Isso deu grande confiança aos soldados no ataque do castello, que, afinal, se rendeu.

Hermann dirigiu-se, então, a outra parte, reclamando a Arnoldo de Solnhofen, bispo de Mainz, uma fracção de terreno a que dizia ter direito. Ao receber a reclamação do conde, feita por escripto, o bispo riu, exclamando emquanto rasgava o memorandum:

— Eu saberei arranjar a esse condezinho como arranjei ao povo descontente de Mainz. Muitos ha que já estão arrependidos de se ter rebelado contra seu bispo!

Hermann não ouvio as supplicas de sua esposa procurando convencel-o de que se não devia rebelar contra o prelado. Aproveitando o descontentamento do povo com seu bispo, o despojou de sua terra e dignidade, adherindo como antes innumeros cavalheiros desejosos de tirar uma desforra, atacando o bispo em seu proprio castello.

O bispo, que tinha a alma atravessada, fez assassinar o conde por dois villões assalariados. Pouco depois, os cidadãos revoltosos assaltaram o palacio do bispo, e o expulsaram de sua séde episcopal, sendo o prelado obrigado a fugir para salvar a vida.

Mas, Arnoldo não era homem que se resignasse facilmente com sua sorte, e breve regressou sedento de vingança. Seus amigos procuraram dissuadil-o, e uma prophetisa lhe enviou uma mensagem em que dizia: "Volta para o Senhor, de quem te afastaste. Tua ultima hora está proxima."

Mas não houve necessidade de tal aviso. Os rebeldes mataram-no na abbadia de Jacobsberg, a pouca distancia da cidade.

EDUARDO AMADEU ARRAYETA

A CONSEQUENCIA DO PERIGO

CONCLUSÃO

"— Como!? Não o sabe? Venha commigo e verá.

"E, fazendo-me entrar no *hall*, me poz deante de um espelho.

"Então, o assombrado fui eu: No espelho se reflectia minha cara juvenil de vinte e quatro annos. Mas minha cabeça, negra como aza de corvo, na vespera, estava agora completamente branca.

"E' excusado dizer-vos que, quando Josy soube do perigo a que eu estivera exposto por ella, me quiz com toda sua alma.

"Esta é a historia de meus celebres cabellos brancos, que, depois da conquista de Josy, de quem me cansei, como se cansa a gente detudo o que custou alcançar, me proporcionaram tantas outras.

"Muitas me admiraram e me amaram, mais do que por minha figura mais ou menos bôa, por este cabello branco em minha cabeça joven.

"E eu dou por bem empregados aquelles momentos angustiosos que me valeram tantos dias de prazer. Que importa ter visto um instante a horrivel careta da morte, si depois contemplei o sorriso da vida nos labios da mulher?!...

(Illustrações de Marcelo Roberto)

ASDRUBAL CONTE (?) — Meu caro escriptor. O nosso secretario recusou o seu trabalho — sob a allegação de que estava exaggeradamente futurista, descambando para o *terre-à-terre*.

Deante disso, nada posso fazer em seu favor.

De resto, eu vivo aqui a amolar a paciencia do secretario, pleiteando a publicação de trabalhos de pessôas que não conheço e, certamente, nunca hei de conhecer, para no fim não receber nem um "muito obrigado". Não me refiro ao sr., que aqui esteve em visita á minha obscura pessôa, o que já é uma prova de gratidão. Refiro-me a outros collaboradores (e "collaboradoras", tambem...) que, no fim de contas, ainda fingem na rua que não nos conhecem.

O secretario me diz que sou *xarope* com os meus *protegidos* que só apparecem aqui devido á minha insistencia e apadrinhamento. Mas a grande maioria quando não comprehende isso; e sempre que póde, me paga com valentes descomposturas.

Por que é então que hei de trabalhar para o bispo?

No emtanto, quero reconhecer que o sr. é uma notavel excepção, pois, na peor das hypotheses, ainda nos visita, pessoalmente, — toda vez que tem um livro a sair...

Peor poderia ser...

MARIA HELENA (Capital) — Dolorosa situação! Devo falar com franqueza: não tenho sympathia pelas mulheres letradas. Estas, em geral, são irritantes. Si uma mulher, que tem apenas o direito de vestir saia, é de uma vaidade que faz mal aos nossos nervos, imagine agora que tem o direito de se dizer poetisa, escriptora, artista, etc...

Não é só isso: são ingratas. Mais do que os homens.

Posso referir o caso de muitas que foram minhas discipulas e hoje me tratam com um desdem de mestras.

No intimo ellas sabem o que me devem. Mas justamente para negar os effeitos da minha contribuição, no sentido de que pudessem conquistar a popularidade, hoje me diminuem: "O Yves? Coitado! E' um mediocre. O *Suave Enlevo*? E' obra de um frivolo... Livro secundario. As tres edições desse poema foram um escandalo literario. Não se justificam. O romance que elle nos promette *Uma "garçonne" carioca* é outro trabalho mediocre".

Ellas ágem como certas senhoritas que foram noivas, dois, tres, quatro e seis annos, e desfazem o noivado. Temendo que o ex-noivo lhes corte a pelle, ellas se apressam em fazel-o. Vira o feitiço contra o feiticeiro, que é o noivo.

Ora muito bem! Estou disposto a não dar a minha opinião sobre as tentativas literarias de certas "escriptoras" interesseiras.

Mas desta vez faço uma excepção, pois commetteria uma indignidade e praticaria uma acção de inferioridade se negasse valor ao seu poema "Manhã de chuva". Creio mesmo que V. Ex. já se póde considerar uma artista capaz de realizar uma obra valiosa.

Seria facil dizer: "A sua poesia não serve para o *Fon-Fon*". E prompto! V. Ex. nessa declaração teria um juizo sobre a sua producção. Mas, no intimo, eu ficaria mal com a minha consciencia e a minha dignidade literaria: commetteria uma injustiça contra quem possue merito real.

NOÉ (Capital) — A sua carta *Futilidade* não póde ser publicada.

OLIVEIRA (Santa Catharina) — Caro poeta. Os seus pedidos serão satisfeitos com a sympathia e a velha camaradagem que nos unem. O seu estudo sobre Luiz Delgado já foi publicado. Acceite as saudades de todos da redacção e mande-nos versos bonitos, como são todos os que escreve.

NINA CHERES (Minas) — Acontece cada uma nesta secção, que fico desorientado, como um cavalheiro que se trancasse numa casa escura, sem um phosphoro no bolso.

Vamos, porém, á sua missiva. Eis o que V. Ex. me escreve — ou não pretendia escrever:

"Snr. Ives: — Quando saio do collégio no sabbado á tarde, esqueço todas as licções marcadas: emquanto ando apressada pelas ruas que me sepáram de casa, penso na hora divertida que passarei, lendo a sua agradavel secção do *Fon-Fon*.

Dou bôas risadas com as franquezas que o snr. diz aos seus correspondentes. Os poetas são os mais desgraçados. Felizmente não tenho poesia nenhuma para lhe mandar, nem cousa alguma para lhe perguntar.

Se o tivesse não me animaria a recorrer ao juizo porque os seus "pitos" me arrepiam mais que os do professor de portuguez.

Só quero lhe dizer que me divirto muito lendo as respostas engraçadas que o snr. dá ás pessôas que lhe cáem em desagrado.

Perdôe-me se o perfume lhe desagráda; a uma collegial não sóbra tempo para escolher os que o snr. preféra.

Não me mande por isto ao dr. Juliano Moreira. Sua admiradora *Nina Cheres*."

Quando cheguei ao fim da leitura, virei o quadrilatero de papel da sua carta, vireio para um lado e para o outro; para cima e para baixo, e não houve geito de lhe descobrir os pés, nem a cabeça. Isto é, ella tem pés e cabeça. Mas não anda para a frente, nem para traz; tem cabeça, não pensa. Mas por que esse hybridismo? Porque a cabeça está onde deviam estar os pés, e estes ficaram no logar da cabeça.

Si a sua carta pensa com os pés e anda com a cabeça, é explicavel que nos dê a lêr aquelle trecho de ouro (ou latão?) em que o seu espirito pueril se nos apresenta sem travesti: "Perdôe-me si o perfume lhe desagrada; a uma collegial não sobra tempo para escolher os que o sr. preféra".

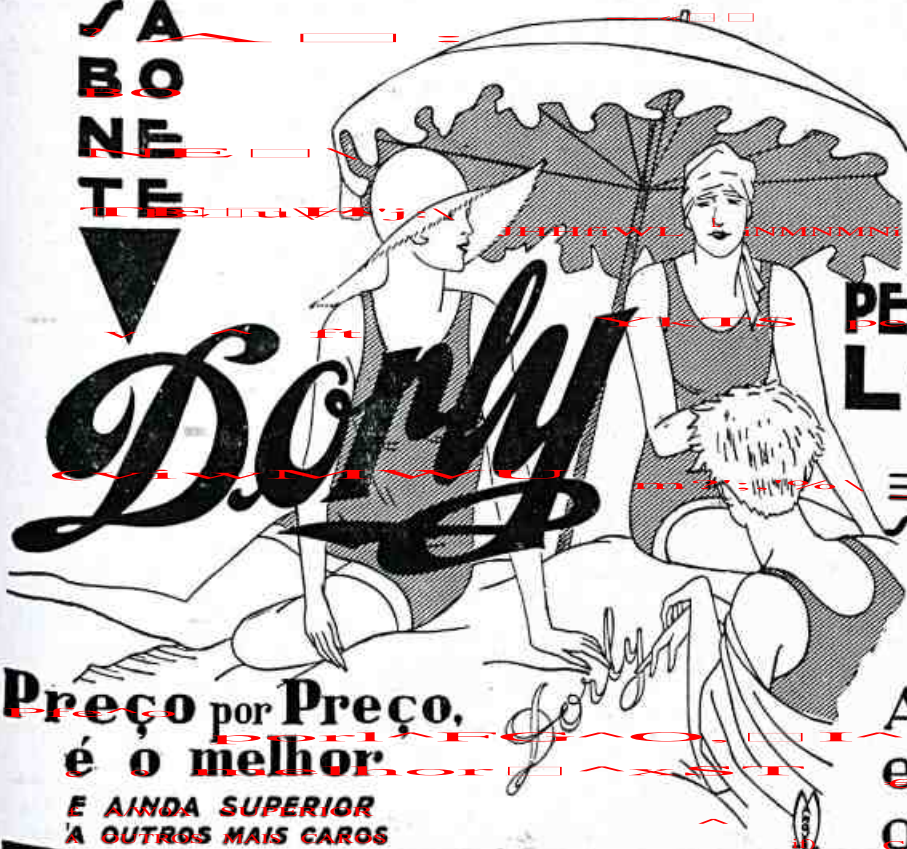
Ora, eu preferir perfumes, não os preferiria nas mãos alheias, mas nas minhas, está claro. Mas si o preferisse bom, nas mãos das minhas consulentes, é bem de vêr que não perdoaria os maus, á simples allegação de que não houvera tempo para a escolha dos primeiros.

V. Ex. me faz lembrar aquelle caloteiro que só pagava ás suas contas aos mil réis, á falta de tempo para dispender de maior quantia...

Indiscutivelmente, esta secção ha de passar á Historia ou acabará como museu de raridades... epistolares...

CONSCIENCIA (Pernambuco) — Aqui está a sua carta literaria (vinda pelo Aero-Postal) onde V. Ex. me pinta a hora apotheotica de um sereno crepusculo pernambucano.

A sua missiva não deixa de ser interessante para mim. Basta falar da minha terra. Mas como V. Ex. se limitou a fazer literatura, descrevendo as cambiantes do pôr-do-sol, sobre a placidez arrabaldina desse recanto recifense, — Espinheiro — eu fico assim na situação de certos cavalheiros que ouvem o discurso de um orador desconhecido, hieratico e solemne, na sua posição de homenageado.

V. Ex., sem duvida, ainda não teve ensejo de ouvir uma dessas allocuções. O orador assoma a tribuna, alisa a cabelleira (si a possúe) ou a calva, sacode os punhos, pigarreia e manda o verbo: "Senhores". Ou. "Cidadãos!" E referindo-se ao homenageado, entra a exaltar-lhe a pessôa, entre imagens candentes e tropos com-

Contra insectos — BORICAMPHOR

burentes (cuidado com a explosão!) até que peróra, já aphonico, o rosto congestionado, a bocca espumejante... O homenageado, muito serio, grave e hieratico, limita-se a bater com a cabeça, á maneira de lagartixa, dizendo "que sim" "que sim" — e sorrindo, melancolico, nos momentos em que o orador exaggéra os elogios, como si dissesse: "Eu bem sei que tudo isso é paanfrório. Nada disso é sincero", ou então philosópha assim como nas paginas shakespearianas: "Words, words, words..."

V. Ex. não me elogia, como o tribuno da minha *charge*; põe apenas de manifesto o seu "impulso de sympathia" pela minha pessôa... E' possivel. Tudo é possivel a um homem que escreve para o publico. Até mesmo encontrar uma sympathia de mulher que, pelo sim, pelo não, acha prudente occultar-se sob o racionalissimo pseudonymo de "Consciencia..."

Sim, V. Ex. não me tece dithyrambos; não me acha intelligente, nem isto, nem aquillo. (Tem muito bom gosto!) Mas me dirige uma missiva literaria, recordando visões e panoramas da minha terra, a cuja leitura sou forçado a dizer, como o homenageado — "que sim..." "que sim..."

Outra: V. Ex. declara que não deseja ser literata. Mas Deus do céo! Que é V. Ex. senão uma illustre mulher de letras, na imminencia de entrar para a immortalidade da Academia Pernambucana?

Emfim, sempre gostaria mais que me enviasse um cesto daquellas famosas mangas de Itamaracá ou cajús saborosos de Bôa Viagem, ou mesmo doce ou rapadura de Pesqueira. De palavras bonitas, artes, poesias, literatura, etc, já estou saturado. Hoje, aprecio mais uma rapadura ou uma botija de mellado (mellado aqui é mel de Engenho no Recife) do que uma fulgente pagina de prosa ou poesia.

Nesse particular, faço como as meninas casadoiras, quando se defrontam com um cavalheiro labioso: Quero automovel e bungalow. Lábias — não pégam..."

Vamos, D. Consciencia, ponha a mão na dita, e mande-me a rapadura...

MISS ATLANTICO (Capital) — Delicioso! Ah! esta vida sem o "Saibam todos..." e consulentes como V. Ex. seria... seria... seria o que? Um buraco... sem fundo, cavados na terra. A phrase pode ser imbecil — mas é a melhor que encontro para commentar o caso da sua missiva. Missiva, não — postal!!!

Ah! Mas, francamente, V. Ex. é uma creatura adoravel — por que faz bem á alma da gente. Imagine... Um dia triste, feio, cinzento, que nos enche de tedio. De repente, o correio nos entrega a sua correspondencia: um postal. E' uma delicia! E a gente gosa ainda mais, quando se detem a examinal-o, e nelle vê o reflexo do seu espirito estupendo!...

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

Quero que as leitoras e suas "collegas..." de espiritualidade, apprehendam bem a belleza de tudo que figura nesse cartão original...

Original, sim, Senão vejamos. Na face direita do postal ha uma especie de bolsa de gase, sobre a qual foi bordada, a retroz de sêda marron (sae azar!) o desenho de uma cesta.

Nessa especie de bolsa, V. Ex. introduziu um lenço minusculo de organdy, com as margens limitadas por um fino cordão de sêda beije, revestido de uma linha prateada. No alto do postal, esta dedicatoria: "Ao Yves". Sobre essa dedicatoria, o lenço de organdy produz o effeito de um véo, de modo que o meu nome fica assim um pouco esfumado.

Contemplo o organdy, o fio de prata, a cestinha bordada a sêda marron, — de onde sae uma papoula de retroz, e góso o estylo rococó dos versos que vêm na outra face do cartão.

Eis os versos:

Um lenço é separação
Separação é tormento.
Envio-te este cartão
Que é filho do meu talento.

"Intelligencia" me chamas
Pelo pouco que eu te fiz
No meu coração derramas
Um grande orgulho feliz

Estas flôres que eu te envio
São da minha gratidão
Não tem espinho as flôres,
Nascidas no coração.

Meu coração é pequeno
E em assim tantas flôres
Pois o teu tambem não é,
E não guarda mal amores!

Fica com o lenço tão roseo
Como uma bôa lembrança,
Que a côr e o perfume delle
Levam-te a minha esperança.

MISS ATLANTICO

Francamente, qual é a alma que não se sente feliz e não dá graças á Nossa Senhora das Maravilhas pela existencia de creaturas como Miss Atlantico, ao receber um postal de estylo legitimamente suburbano e de versos authenticamente rococós? Deus lhe dê muitos annos de vida Miss Atlantico.

E juro que, si V. Ex. entrar num concurso para se saber qual é a rainha das *bas bleus* eu lhe darei o meu voto e, conforme as modas, mandarei dizer u'a missa em acção de graças, não pela sua alma, mas pelo seu espirito luminoso...

Amen.

ONDA (S. Paulo) — E' muito interessante a sua carta. Nella, V. Ex. me pede um estudo graphologico. Em baixo, vem o infallivel *post scriptum*, assim concebido: "N. B. — Junto a esta vae um instantaneo da chacara onde moro, que está a tua inteira disposição". Onde está situada é que não me diz... Tambem quero retribuir a gentileza, dizendo-lhe que o meu nome é Pafuncio de tal, e móro aqui no Rio, numa rua da cidade; a minha casa (não é chacara, é pensão) fica a seu inteiro dispôr. Não faça cerimonia.

Qual! V. Ex. não deve ser paulista... Não é possivel!

MOREL, (S. Paulo) — Calma... calma... O sr. é um escriptor interessante. Não tenha medo que a cesta não se fez para o sr.; a sua collaboração será aproveitada.

LOPES REIS, (Capital) — O seu trabalho será publicado. Paciencia.

PRINCEZA DE EBANO (Espirito Santo) — V. Ex. brevemente receberá a photographia que me pede. Grato pelos elogios que me faz.

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

• • •

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo devidamente preenchido.

ENDEREÇO:
Rua Republica do Perú, 62
Caixa Postal 97 — Telephone Central 4116.

FON-FON — 30-11-1929

Nome do consultante ....
....
Data da consulta ....

Digestivo

Fabricado com trigo esmagado proprio para pessoas de estomago debil tem a qualidade que o nome indica.

BISCOITOS

AYMORÉ

SECC. PROP.
MOINHO INGLEZ
J.P.

NO SEU HOTEL PEÇAM

O Môlho de LEA & PERRINS'

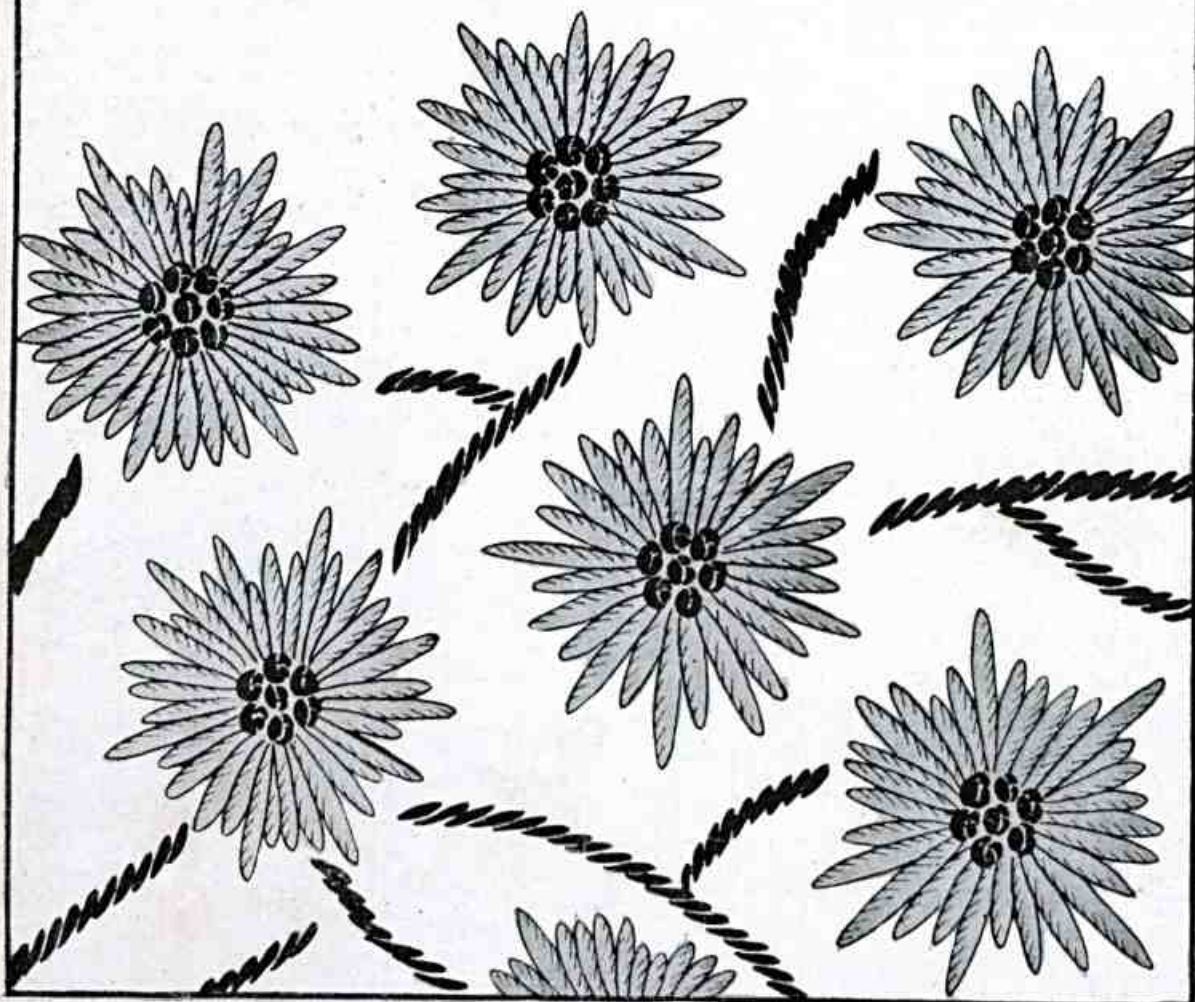
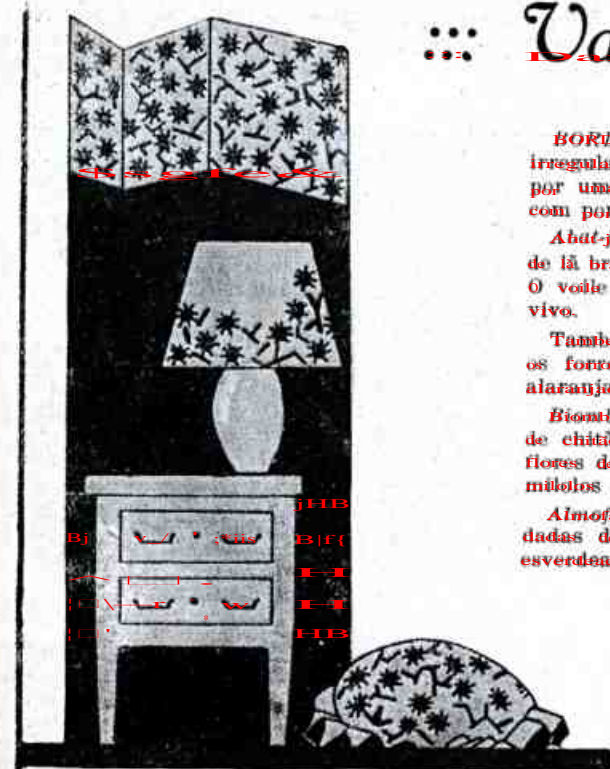
Varinha de Condão

BORDADOS A LÃ — Flores bordadas com pontos irregulares com lã de quatro fios; o miolo é formado por uma reunião de pontos de nós; a haste é feita com ponto de haste.

Abat-jour de voile rosa pallido, bordado com flores de lã branca, tendo o miolo e a haste côr de rosa vivo. O voile rosa pallido leva forro duplo de voile rosa vivo.

Tambem pode ser executado com voile beije, tendo os forros côr de malva, as flores cyclamen miolo alaranjado e haste marron.

Biombo de chitão verde-pistache em baixo; barra de chitão cinzento, no alto, sobre a qual bordam-se flores de lã amarella, côr de laranja, vermelha, com milolos e hastes negras.

Almofada de velludo côr de violeta com flores bordadas de vermelho carmezim miolo e hastes cinza esverdeado claro.

(Fig. 1 — *Creação Figarel*)

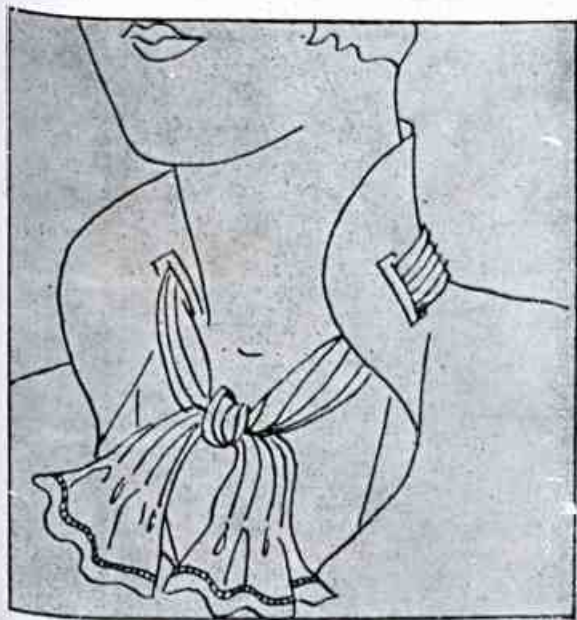
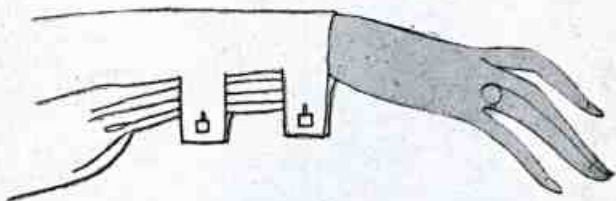
(Fig. 2 — *Creação Figarel*)

PENTEADOS PARA A NOITE — Com a moda dos cabellos curtos sempre pareceu difficil consagrar ao penteado da noite muita faceirice, mas uma reviravolta produziu-se; os cabellos se têm alongado levemente, e graças á "permanente", as ondulações, os cachos dispostos por mãos habeis têm enfeitado as cabeças femininas. Não se trata mais de cachos loucos, mas de cachos arredondados impeccavelmente, bem arrumados e dispostos segundo linhas harmoniosamente desenhadas, o que é muito lindo, confessamol-o.

Para dar aos penteados modernos maior elegancia sem tirar o cunho liso e simples que procura a silhueta moderna, crearam-se ornamentos novos. Os mais apreciados são os pentes de crystal rectos ou em fórma de crescente, (fig. 1) que se incrustam de perolas falsas ou verdadeiras, de diamantes e tambem de marcassite; mas, as guarnições de ouro e prata foram substituidas pelas de ferro fundido, como succede tambem para os fechos das bolsas. Outros pentes, maiores, de crystal ou tartaruga, circundam a nuca e sustentam os cachos (fig. 2).

PEQUENAS ORIGINALIDADES — O amigo Yves sempre mordaz, tem como um de seus themas favoritos que as mulheres andando todas em busca da originalidade acabam não sendo originaes em nada. A differença, nesse caso, estaria em não querer a originalidade.

Na verdade nada mais raro do que a originalidade que não é pretenciosa nem ridicula. Ser original com máu gosto ainda é facil; mas ser original com bom gosto e distincção é difficilimo.

Atraz desse cunho pessoal esthetico vivem os costureiros e chapeleiras, todos os grandes creadores da moda em Paris. E quando não têm o que modificar na linha rebuscam pormenores ineditos, um apanhado novo, uma gola menos vulgar, um punho ainda não visto. Assim essa gola da fig. 3, meia fechada por uma gravata plissada, do mesmo tecido da bluza, e o gracioso feitio de punho da fig. 4, para vestidos simples ou genero sport, prendendo a largura das mangas com pregas finas, sob duas alças.

(Fig. 3)

(Fig. 4)

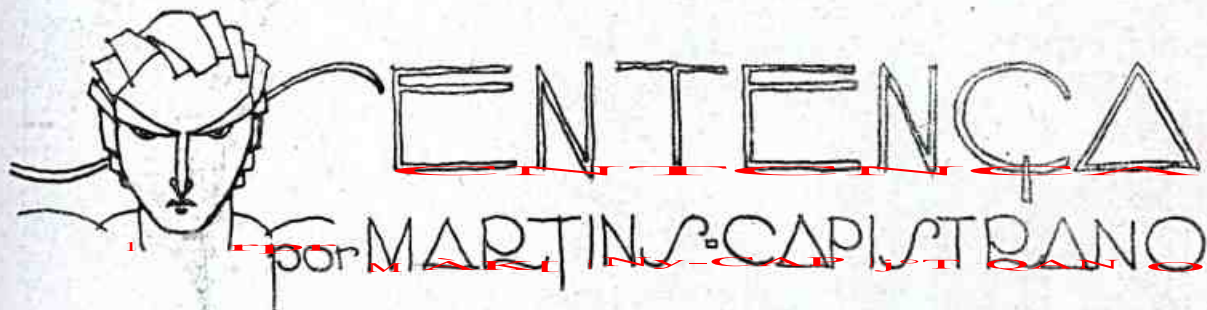
C I N D E R E L L A

ANNO XXIII

FON-FON

NUMERO 48

SERGIO SILVA, Director.

Rio de Janeiro, 30 de Novembro de 1929

"Não póde ser"...

Esta phrase me tem acompanhado, insistentemente, na vida. Ha quasi trinta annos que eu a escuto. Ha quasi trinta annos que ella me sôa, amargamente, aos ouvidos. Já me habituei á sua sentença implacavel. Tudo o que eu pretendo — gloria, fortuna, felicidade, alegria, socego — tem sempre a mesma resposta sombria: "Não póde ser"... Os meus desejos são, constantemente, invariavelmente, ameaçados com a phrase terrivel. E eu não consigo nada do mundo. E, por isso mesmo, já me tornei um pessimista á Schopenhauer.

* * *

"Não póde ser"...

Creio que foi a primeira phrase que ouvi. Eu era novo no mundo. Tinha chegado havia pouco. Meus olhos pequeninos estavam deslumbrados. Viam tanta cousa bonita: a luz da lamparina de kerozene que alumiava o quarto, o leito onde eu nascêra, o berço côr de rosa que me haviam dado, meus primeiros trajes... Viam meu pae e minha mãe, e viam minha irmãzinha que havia nascido antes de mim. Eu agitava os braços no meu pequeno leito côr de rosa. Pedia qualquer absurdo. Exigia-o com a unica arma das crianças e das mulheres: o pranto. Um pranto rumoroso de recem-nascido. Minha mãe talvez não me comprehendesse. E deve ter respondido, maternalmente, carinhosamente, "Não póde ser"...

* * *

Como tudo o que está sob as leis da natureza, cresci. Fiquei o menino bisonho que sempre fui. Atrevendo-me pouco a reclamar. Pedindo sempre. Supplicando. Em casa, ás vezes, com a cumplicidade de meus irmãos, que tinham o temperamento irrequieto que eu não tinha, falava mais alto quando queria alguma cousa. Minha mãe ou meu pae, que já me conheciam a fraqueza ingenita, davam-me aquella resposta severa e terminante: "Não póde ser"...

E eu me conformava.

Na escola, quando eu queria sahir mais cedo, a professora dizia-me: "Não póde ser"... Meus collegas repetiam a mesma phrase, como si todos estivessem de accordo em torturar-me com a negativa confrangedora.

Até nas minhas diversões infantis o melhor não podia ser para mim...

* * *

Cresci mais. Aprendi mais. Deixei de ser o menino bisonho para tornar-me o adolescente melancolico. Cheguei á idade em que o homem sente a necessidade de pedir. E pedi. Mas tudo o que eu pedia me era negado. As mulheres a quem os meus olhos tristes imploravam um pouco de amor para o meu coração desolado, respondiam-me, sempre, displicentemente: "Não póde ser"...

Um dia, encontrei uma que me quiz. Depois outra, e mais outra... O destino, porém, mandou-me para longe de todas ellas, dizendo-me, sentenciosamente: "Não póde ser"...

* * *

Estou, hoje, entre a mocidade e a velhice. Rumando para o occaso da vida. Menos confiado na esperança. E cada vez mais pessimista, mais descrente. Fracassando em todas as tentativas humanas, deante da phrase que me acompanha na vida. Em toda parte, aonde quer que eu vá, em todos os labios, em todos os gestos de indifferença e ironia, em todos os olhos desdenhosos, eu ouço, eu leio, eu sinto, eu adivinho a phrase fatidica e amarga: "Não póde ser"...

O sr. ministro das Relações Exteriores, dr. Octavio Mangabeira, escolheu o dia 25 do corrente, data nacional paraguaya, para ser realizada a cerimonia da troca de ratificações do tratado de limites entre o Paraguay e o Brasil, concluido nesta capital a 24 de maio de 1927, e já convenientemente approvado pelos Congressos dos dois paizes. O acto realizou-se segunda-feira na salão «Rio Branco» do palacio do Itamaraty, e teve a presença, além dos ministros Octavio Mangabeira e Fulgencio Moreno, que representaram na solennidade, respectivamente, o Brasil e o Paraguay, varias outras pessoas de destaque em nosso meio diplomatico, altos funccionarios do Ministerio das Relações Exteriores e jornalistas.

Ss. excias. o dr. Octavio Mangabeira, ministro das Relações Exteriores, e dr. Fulgencio Moreno ministro plenipotenciario do Paraguay.

JOSEPHINAS...

A dançarina negra já não domina Paris. E' o que se conclue, pois, Josephina Baker anda em excursão pela America do Sul... Quando uma artista passa para o genero exportação, é que Paris, fatigado, pede coisa nova.

O rebolar do corpo de ébano já não desperta nenhuma emoção no parisiense, e força torna-se confessar que tambem nenhum enthusiasmo conseguiu imprimir á platéa deste lado do Atlantico.

A exhibição de Josephina não chegou nem mesmo a constituir um acontecimento theatral entre nós, apesar da reclame.

Ella chegou, rebolou e partiu...

Nem teve tempo de fazer escola, pois ha muito que possuimos authenticas bailarinas negras para uso interno dos clubs creoulos e uso externo dos cordões, pelo carnaval.

Josephinas...

FRANJAS

Eu queria que você fosse sempre modesta e ingenua como eu a vi pela primeira vez colhendo flôres agrestes no jardim bárbaro do campo.

Você tinha os lábios vermelhos como as rosas de sangue. E agora, a sua bocca mimosa é uma mentira de rouge.

Você quer imitar as moças da cidade.

Você não comprehendeu que eu tinha uma alma de sertanejo e procurava imitar a sua simplicidade, para ser todo de você, sem saber mesmo si você era um pouco minha?...

O sr. ministro do Paraguay, dr. Fulgencio Moreno, e senhora offereceram, segunda-feira á tarde, para commemorar a data da promulgação da Constituição daquella Republica, uma recepção ás altas autoridades brasileiras, ao corpo diplomatico, á nossa sociedade e á imprensa carioca.

FRANJAS

Receio muito que a felicidade que busco nos olhos de você — olhos de côr indefinida — roube a minh'alma a sensibilidade costumeira. São tão banaes as almas venturosas...

Por que é que a gente procura tanto a felicidade e tanto luta por ella?

Si é por ser illusoria, por que a presinto?

A felicidade deve ser como a côr dos seus olhos: indefinida, imprecisa.

E quem sabe lá si essa ventura que presinto não será mais que a saudade bôa e terna que sinto de você!...

Mattos Além

Grupo de senhoras presentes á recepção de segunda-feira, na legação do Paraguay, vendo-se madame Fulgencio Moreno e suas gentis filhas.

RECOMPENSA...

Todas as vezes que a recordação
Me vem, daquelles dias infantis,
Ouço a voz de meu Pae dizendo: — "João,
Deves ser bom si queres ser feliz".

Ser bom... O mal, porém, jamais eu fiz
A ente humano ou mesmo aos brutos... Não!
Dir-se-ia até que este meu coração
Transmigrou-se do apóstolo de Assis...

Ouço, meu Pae, constante, o teu conselho.
Sou proclamado um typo de bondade,
Quasi igual aos bons typos do Evangelho.

Foi-se-me a infancia. Esvae-se a mocidade.
Espera Deus, de certo, eu ser bem velho
Para dar-me, afinal, felicidade...

TORTURA

Sinto que a minha vida se approxima
De alguns dias mais graves e mais serios.
Vejo a grande montanha... Lá de cima
Enxergarei bem longe. Os hemispherios

Vão alternar-se aos olhos meus. E o clima
Tropical da minha alma, estes mysterios
Da angustia atroz que a todos nós victima
Ser-lhe-ão inexoraveis refrigerios.

Galgo, emtanto, a ladeira sem vontade...
Tudo na perspectiva me apavora;
Estrangula um soluço o peito afflicto.

Por que ha de ser assim, por que não ha de
Ficar sempre afastada a horrivel hora
Do meu extasse em face do Infinito?...

VEIGA MIRANDA

E VANIDADE...

SAIAS E CALÇAS CURTAS

"*Sic transit gloria mundi*"... E' a phrase que se pode applicar ao desthronamento de que está ameaçada a saia curta.

Perversidade, ironia, despotismo, medida moralizadora dos costureiros de Paris?

Seria interessante saber quem foi que teve essa idéa de máu gosto. Patou, Lucien, Lelong, Paquin? Madeleine et Madeleine? Quem, afinal?

Sr. André Fouquiére, que faz o senhor que é o "arbiter elegantiarum" de Paris? Por que não explica a genese da innovação?

Seja como fôr, a verdade é que as saias vão descer ("*honny soit qui mal y pense*"...) alguns centimetros, abaixo dos joelhos.

E que dizem a isso as damas elegantes? Adherirão á nova moda? Combatel-a-ão?

Queremos crer que não opporão a menor duvida — quanto a qualquer modificação que possam soffrer os Modelos até aqui apresentados por Vogue, por Le Jardin des Modes ou Femina.

* * *

"*A moda — define o philosopho Simmel, que muito tem estudado o assumpto — dá expressão e como um accento ás duas tendencias contrapostas, a egualdade e a individualização, ao prazer de imitar e ao de se distinguir*". Seguindo a mesma ordem de idéas, o pensador allemão accentúa que a debilidade da sua posição social as induz a adherirem a tudo o que é "*bom uso*", a "*tudo que é devido*", a toda fórma de vida, geralmente acceita e reconhecida!"

E assim é, na verdade.

Ha uma especie de pudor, entre as coisas da moda: é notar-se alguém fóra das suas leis e imposições.

E nesse particular, o privilegio pertence ao sexo opposto ao nosso.

Que vergonha uma senhorita elegante, ostentando um vestido "*demodé*"! Um vestido que pertenceu a sua bisavó!

* * *

A proposito das saias compridas, — que já fizeram a sua incursão entre nós, vestindo, moralisticamente, uma carioca, que, por signal, foi vaiada em praça publica, ha poucos dias — uma garôta de olhos bistrados e maliciosamente cerrados á maneira dos de Mae Murray, me confessou:

— Vou mandar fazer uma saia de crepe Georgette que roce pelo chão...

— Mas isto é um exagero! — critiquei.

— E' a moda.

— Mas a moda não tem o direito de tornar as creaturas ridiculas.

— Nós, mulheres, perdemos a noção do ridiculo, quando se trata de obedecer ás imposições da moda. De resto — accentuou ella, com uma pontinha de sorriso — ha uma razão ponderosa para que eu e as jeunes filles da minha edade ardam no desejo de conhecer uma saia comprida, fóra do carnaval.

Pedi-lhe que se explicasse melhor. E ella:

— Quando veiu a moda das saias curtas, eu já as usava, porque tinha apenas onze annos. Faz cinco que ella implantou o seu reinado. Ainda agora, — aos dezeseis, — não sei o que seja uma saia abaixo dos joelhos.

— Mas sabe o que seja uma calça acima delles, não?

Ella fitou-me com uma chamma de espanto nas pupillas brilhantes:

— Mas, que quer dizer o senhor?

— Refiro-me aos "*maillots*" de banho...

Ella fez apenas:

— Ah!

«Terra Verde», symbolizando a pujança da Amazonia, é o titulo do primeiro livro da escriptora e poetisa sra. Eneida de Moraes. Em verso moderno, diremos melhor, numa prosa cujo rythmo é segredo seu — a poetisa paraense soube cantar as bellezas da sua terra natal, com as côres e as vibrações de uma artista de grandes recursos estheticos. O livro da sra. Eneida encanta justamente por esta circumstancia: apresenta-nos as bellezas amazonicas, num rythmo novo, que se equilibra entre os brilhos de uma poesia joven e as galas de uma prosa sadia.

OS HOMENS... AS MULHERES — De Yves

— Allô! Quem fala?

— E' o Y...

— Ah! Bom dia... Como vae?

— Mal!

— Mal? Por que?

— Porque estou com saudades de você...

— De mim? Você está pilheriando? Como é que pode ter saudades de mim, si nem sequer me conhece?

— Por isso mesmo. A melhor saudade é a do bem que não se alcançou: que existe apenas em nossa imaginação.

— Deixemos de paradoxo. Você gosta de dizer as coisas pelo avesso...

— Sou coherente com a alma feminina. As mu-

Uma attitude sonhadora de mlle. Yára do Pinho Mayer, que pertence á nossa sociedade.

(Photo De los Rios)

lheres só affirmam verdadeiramente as coisas, quando sabem que estão mentindo. E a mentira, illustre dama, é a verdade pelo avesso.

— Ah, si é assim que julga as mulheres...

Pausa. A telephonista faz uma barulhada na linha Pergunta: "Que numero, faz favor?" Corta a ligação, torna a fazel-a. E, afinal, ouço, de novo, a doce voz da minha interlocutora:

— Pensei que havia desligado... — declarou ella, afflicta.

— Eu? Não faço tal coisa senão com as trotistas que usam os adornos que o rei Midas traz á cabeça.

E ella, numa pasmosa ignorancia historica e geographica:

— O rei Midas não é o do Imperio Chinez?

— A China é Republica.

— O rei Midas é irmão do burro de Buridan...

— Ah! deixemos de espirito... sem graça! Escute: vim aqui dar-lhe um recado.

— De quem?

— Da sua leitora X...

— X...? E' uma incognita...

— Ella é uma joven encantadora... Manda saber si já ficou bom... Esteve doente, não é?

— Ainda estou enfermo. Do bolso...

— Não brinque! A sua leitora...

Interrompi-a:

— Ella me descompoz numa carta côr de ouro de lei. De modo que acho incoherente a sua attitude Mas como a logica da mulher é a incoherencia...

Acabei explicando á minha interlocutora que já tivera, até, certo "penchant" pela joven X... Um dia, ella se banalizára a meus olhos, com as suas attitudes de vestal "demodée". Tornou-se ridicula. E como não me interessava pelos Calinos e conselheiros Accacios de saia, resolvera esquecel-a para sempre. Em todo caso, restava-me della uma lembrança amavel, objectivada num elegante vidro de perfume. Era o bastante para que a recordasse sempre, através de uma evocação perfumada.

Para uma indifferença já era muita coisa.

A moça ouviu tudo. Tomou a defeza da sua amiga... E ao fim, quando lhe disse que a sua voz me encantava, e que não me falasse mais de X... e sim de si mesma, a minha interlocutora, frivola como a sua amiga, disse apenas com um espanto do tamanho de um kilometro. "Deus me livre! Eu sou noiva!"

Respondi-lhe:

— Todas as moças no Rio são noivas e "jeunes filles" de dezeseis annos fossilisados...

FARPAS — De Yves — Os senhores já fizeram um reparo interessante? Basta a gente conversar dez minutos com uma senhorita casadoira — uma dessas senhoritas que estão nas vesperas de ficar para titia — que a não ouça dizer: "Os homens são todos eguaes!"

Em parte, ellas têm lá as suas razões.

Expliquemo-nos...

Uma senhorita — typo genuinamente burguez, pudica, recatada, leitora de "Paulo e Virginia" e d'"O Lar domestico" — começa o seu *flirt* innocente (pelo telephone ou no cinema?) e, dias depois, o cavalheiro faz a primeira investida: abarraca...

Conversa vae, conversa vem — ambos passeando por um jardim publico, á distancia de meio metro — o namorado chega á conclusão de que aquelle poço de virtudes extractificadas, de pudicia transformada em granito, o que deseja é realizar um casamento "vantajoso". (No civil e no religioso, "garçons et dames d'honneur avec").

Ora, as condições da vida contemporanea, com o seu liberalismo social, não são de molde a estimular um mortal ao sacramento do matrimonio.

Assim, quando o cavalheiro percebe que a vestal deseja mudar de estado civil — de mademoiselle para madame tal — no dia seguinte não volta mais ao idyllio do jardim publico, fiscalizado pelos cerberos municipaes.

Surge outro. Dá o primeiro avanço:

— Bellezinha...

— *Me* deixe, *seu* atrevido!

E sorri, paradoxalmente:

— Ficou zangadinha, meu anjo? — pergunta o moço, carinhoso.

— Certamente.

Elle dá um passo á frente:

— Mas é que estou encantado pelo seu lindo sorriso.

E ella, duvidosa:

— Não admitto gracejo! Eu tenho espelho em casa.

(E' outra phrase feita que ellas usam). O cavalheiro está agora do lado della. Seguem *pari passu*.

— Creia que estou maravilhado com a sua voz...

O mesmo jogo. Palavra puxa palavra — e ella entra

no amago do assumpto: casamento, "garçons et dames d'honneur" etc.

No outro dia, a nossa "tota pulchra" espera o cavalheiro. Cinco horas, seis... Ella medita: "Atrazou-se. O bonde encontrou alguma carroça pela frente." Sete, oito, nove...

A heroina fica desolada. Suspira: "Ai! ai! Muito soffre quem ama! Para que o espantei com o casamento?"

Dez horas, onze, meia noite. O gallo canta: "có-có-ró-có!" Insomnia. Lagrimas discretas. Olhos rôxos, etc.

De sorte que, si um terceiro, ou quarto ou quinto ou decimo apparece, e sorri, ironicamente, quando ella diz: "O meu ideal é construir um lar, com um maridinho que me compre um "bangalow" e um automovel" — ella suspira a phrase lapidar: "Ora, os homens todos são eguaes!"

Pois sim...

MELANCOLIA — De Yves — Antigamente, quando o nosso amor floria como um jardim de sonhos e desejos, sempre novos, ella, ás vezes, me tomava o rosto, encostava-o á sua face morna e murmurava, numa surdina, os versos de Maurice Magre:

— "Mais non, c'est à cause de toi que je suis triste. Va, ce chagrin est le notre. Tu tiens mon cœur léger, mé charit, entre tes doigts..."

E eu lhe respondia com os versos de Rafael Estenger, o grande poeta de Cuba:

— "Tu serás mia: temblará tu carne bajo el incendio loco de mis labios"...

E tudo, momentos depois, se resolvia num beijo longo e espasmodico, mas beijo de paz, que tinha o sabor angustioso da morte e os fremitos incandescentes da vida.

E si a felicidade póde ser symbolizada nesse *tête-à-tête*, cheio de vacillações e incertezas, de angustias e de beijos, de me ancolias lentas, á penumbra do "abat-jour" hypnotizante, com o crepusculo da sua luz "vieux-rose", coada pelas filigranas das rendas, de alegrias ephemeras, que se accendiam em nossa alma, como lanternas japonezas; — si a felicidade pode ser representada pela communhão de duas almas que, de duas silhuetas que, de tão proximas, sentiam as suas sombras se fundirem, os anseios se meu amor, meu bello e perdido amor! nós eramos mesclarem, como dois perfumes esvoaçantes, — nós, meu amor, meu bello e perdido amor! nós eramos felizes, desgraçadamente felizes...

Desgraçadamente felizes porque não nos amavamos como pediam os impulsos dos nossos corações: o destino se interpunha entre nós separando-nos sempre e sempre, inexoravelmente...

Um dia, porém, percebemos que já não nos amavamos como dantes. O destino havia vencido as nossas energias, havia domado a nossa força, a nossa vontade inflexivel.

Como Hercules vencera o leão de Neméa: o nosso amor.

E hoje, que é que nos resta de todo aquelle passado esplendor? Essa indifferença invencivel. Esse defrontar-te na rua, nos bailes, nas reuniões elegantes, sem empallidecer, sem um tremor na voz, sem me sentir asphyxiado, sem aquelle alvoroço que denuncia a avalanche de emoções assoberbantes, todo aquelle tumulto interior. E quantas vezes, quando eu te vejo passar pelo braço de outro, nem sequer me recordo de que era de modo diverso que o teu braço repousava no meu, e o teu sorriso falava ao meu sorrisos... E certamente, nem sequer tu te recordas mais de que o nosso beijo era bizarro: tinha o sabor angustiante da morte e os fremitos e as delicias da vida...

Distinctas senhorinhas da sociedade carioca, que vão desempenhar uma das mais interessantes partes do programma do festival em beneficio da Casa Marcillo Dias, a realizar-se brevemente no Theatro Municipal.

A NOSSA VALSA...

ESTOU deante de um domingo esplendente de sol. Um domingo da côr dos seus olhos doirados. Um domingo sereno e alegre como aquelle outro domingo em que você, minha princeza, ainda me concedia o deslumbramento ineffavel de um sorriso illuminado de doçura e de amor...

Pela janella aberta eu vejo, lá longe, emergindo de entre as montanhas verdes do Corcovado, um pedaço de céo azul, que me faz lembrar a turqueza dos nossos sonhos innocentes de muitas alvoradas luminosas.

A natureza está alegre com a festa de luz deste domingo quente de verão. Ha uma palpitação de contentamento sobre a esmeralda rútila das arvores que vestem de verde a paizagem carioca. Tudo sorri. As serras lavadas de sol, o céo que os meus olhos vêem, as casas grandes do meu bairro burguez... Aqui dentro do meu apartamento, o silencio envolve todas as cousas. Envolve a propria solidão que me faz companhia, nesta tarde azul e ouro do ultimo domingo de novembro.

Mas, de fóra, vem o éco longinquo de uma victrola que canta na tarde. Uma victrola triste, que eu ouço com volupia, porque me traz, na sua sonoridade magoada, a evocação da sua figurinha luminosa e melancolica. Toca uma valsa.

E eu recordo... Recordo um domingo differente deste domingo claro, porque não havia sol nem céo azul, e a chuva acompanhava o rythmo da musica. A mesma musica que eu ouço agora, neste suave entardecer de novembro. Uma valsa. Valsa triste. Triste como os seus olhos. Aquella valsa que nós bailámos ao som de duas orchestras: a do salão e a da chuva...

Você ainda se lembra? Faz tanto tempo no calendário do nosso amor... Tanto tempo... Você tinha a cabeça perto do meu coração, e tinha os olhos dentro dos meus olhos, numa suave fulguração de ternura. Dançavamos os dois esquecidos dos outros que tambem ali deslisavam esquecidos de nós... Sua mão clara apertava meus dedos tremulos, emquanto sua voz, que eu ha muito não ouço, me dizia:

— Nunca mais esquecerei esta valsa. Nunca mais!

E eu, commovido e amoroso, respondia:

— Tambem jámais a esquecerei.

A orchestra repetiu duas vezes aquella valsa. Aquella valsa que assignalou, harmoniosamente, o dia mais lindo do nosso romance. Aquella valsa que uma victrola triste, perdida no meu bairro burguez, derrama nos meus ouvidos e no meu coração, fazendo-me evocar um domingo frio e chuvoso, em que os seus olhos côr de ouro eram o unico sol que brilhava para mim...

A victrola emmudeceu. A valsa terminou. A tarde ficou mais triste, porque o sol deixou de illuminar o perfil das montanhas, e uma grande nuvem insolente veiu cobrir o pedaço de céo azul que eu contemplava pela minha janella. A tarde ficou mais triste, sobretudo, porque a victrola deixou de cantar e a nossa valsa morreu na ebonite do disco.

Mas esta chronica ha de levar a você a historia de outra tarde de domingo, em que a valsa do nosso amor sonorizou a minha saudade...

A GLORIOSA EPOPÉA INUTIL

DE ALBA VALDEZ

O homem é grande, poderoso. Para elle, a hierarchia sobre os outros sêres da Terra. As opulencias, as lindezas, as prodigalidades da Criação.

Comtudo houve tempo em que pareceu pobre e mesquinho. Mas torna-se mistér descer o fundo dos seculos. Proseguir até que rompa o dia fecundo do Post-pliocene.

Avançar, talvez, ainda mais, estacando, pavido, ante as visões indiziveis que povôam o solo hirsuto, as aguas abysmaes, os pannejamentos indefinidos da noite presaga do éocene.

Vagueia intranquillo entre scenarios de barbara grandiosidade, percebendo o inimigo polymorpho prolongado na natureza hostil, a dar-lhe cerco, a farejar-lhe a carne, para empolgal-o nas fauces hiantes.

A matta virgem, assombrosa de vitalidade e corpo, intensifica o ruido da vida universal.

Especimens da fauna monstruosa ensaiam-se para a luta brutal da existencia. E são uivos terriveis. E silvos. E bramidos. E rugidos.

Estremece o homem e elle que attinge o cimo de arvore sobranceira.

Os sentidos vigiam attentos. Dali para esconderijo mais seguro. A caverna que suas pupillas penetrantes lobrigam no amago da rocha.

Defendendo-lhe a entrada, conclue tarefa de gigante. Agora... Nenhum interstício por onde se insinuem [illegible] fios de luz [illegible]. Opprime-o a opacidade da treva. A sensação deprimente do silencio, do vacuo.

Tacteia. Um bloco de granito. Faz delle um projectil. Pedra estronda contra a pedra. Ha uma sarabanda de fogachos.

Aquella noite, com a chamma extrahida de fragmentos de silex, elle illumina a sua primeira morada...

Idade da pedra lascada... Seculo XX...

O homem daquellas eras, buscando o alto, accionado pelo instincto material da conservação e o homem de hoje, o cidadão do planeta, apercebido da asa potencial da sciencia, a voar nas alturas, arriscando a vida por uma hora gloriosa.

A caverna, avisadamente dissimulando-se na rocha e o arranha-céo, audaciosamente, crescendo para as nuvens.

A scentelha ephemera do silex percutido e a marcação do *kilowatt-hora* no registo da luz electrica.

Sem abandonar a paizagem familiar, o homem moderno póde ser o ouvinte da conferencia que se pronuncia em Paris, do jazz que se toca em Nova-York, da opera que se canta em Vienna. Abriu caminhos no seio petreo das montanhas. Modificou a physiographia de continentes. Construiu machinas que trabalham, cortam, vôam, nadam, mergulham. Descobriu a electricidade. Descobriu o radio.

Parece conto de mil e uma noites.

No emtanto, carrega-se-lhe o sobrolho no tocante ao problema da sua vida interior, da propria vida sentimental.

Dentro de si mesmo, ainda não conseguiu seccar a pequenina fonte perenne das lagrimas.

Ainda lhe não foi possivel extinguir a voz imperiosa da dôr.

Enlace Correia-Mendonça Lima

Enlace da gentil senhorita Lucinda Sergio Corrêa com o sr. Manoel Mendonça Lima. A noiva, que é sobrinha do nosso director, sr. Sergio Silva, é uma fina dama da nossa sociedade; o noivo é tambem uma figura de relevo em nossas altas espheras sociaes. As cerimonias, civil e religiosa, se realizaram no dia 18 do corrente, na residencia dos paes da noiva, em Copacabana.

Em nossos circulos medicos, como nos sociaes e literarios, o dr. Augusto Linhares é uma figura que se destaca pelo seu merecimento, como scientista, e pelos outros titulos, todos elles nobilitantes, de que é portador. Literariamente, o dr. Linhares já fixou a sua personalidade, com o brilho do seu estylo fluente, na «Oração na Academia» e na sua luminosa conferencia, sobre o Ceará, a sua terra, «Voltando ao Columbario». Scientificamente, consolida, mais uma vez, a sua reputação, com o seu ultimo livro, recentemente apparecido, — «O Toque de Asuero e suas applicações». Nessas paginas, não se sabe quem é mais scintillante, mais fino, mais seguro de si e dos seus conhecimentos: si o clinico ou o estylista. Assumpto grave, versando uma these nova, em torno de materia scientifica, a obra do dr. Augusto Linhares é escripta com graça, leveza e um grande brilho.

SOMBRAS CHINEZAS

PHOTO FILM DA CIDADE

HA muito tempo vinha insistindo com Melindre para, num domingo claro, de sol, darmos um passeio ao Pão de Assucar. Gosto das alturas e das aventuras... aereas, sem o menor risco, como essa de tomar aquelle pacifico bondesinho e subir, subir ao pincaro verde de onde os olhos deslumbrados da gente descem sobre a cidade que, lá embaixo, fascina e encanta com a sua graça de mulher bonita, cheia de tentação e coquetterie.

•

MELINDROSA, porém, que é a pequenina e irrequieta alma vadia desta cidade maravilhosa, não conhecia ainda o Pão de Assucar — ella, a carioca mais puro sangue que já veio ao mundo neste recanto paradisiaco onde o divino peccado do amor tem suaves fragrancias de primavera em flôr e exaltação quente de sol tropical.

Melindre, porém, é uma pilha de nervos, medrosa cheia de faniquitos, uma creaturinha que só sabe voar na terra firme.

— Escuta, Esaúsinho, sou doidinha, doidinha pelas vertigens do amor, mas tenho horror ás das alturas. Depois, sem sahir d'aqui, já tenho ido até o céo...

— Até o céo? Como, não me dirás?

— Olha o ingenuo, o innocentinho! Tu bem o sabes... tu que estás cançado de me levar até lá!...

— Eu já te levei ao céo? Minha filhinha, terás tomado cocaina?

— Ora, a grande novidade, se eu sou Mademoiselle Cocaina, como me chamas!

— Sim, para mim, de facto, tu és a cocaina que venho sorvendo desde que me déste o teu primeiro beijo... A cocaina do meu coração, o meu amor de cocaina, o delicioso entorpecente de minha alma...

— Queridinho! Toma!

E Melindre deu-me uma dóse de cóca... de beijos, uma dóse que quasi passa dos limites...

Depois, voltando-se para mim, disse-me, com o carvão negro e illuminado de seus olhos a arder dentro do fogão azul-verde dos meus:

— Ainda não comprehendeste como é que tenho ido tantas vezes ao... céo em tua companhia!

— Agora, sim, queridinha, comprehendi. Obrigado, minha Melindre adorada.

— E quem vôa assim, docemente, deliciosamente, precisa de aeroplano ou de de bondesinho do Pão de Assucar, para ter a vertigem de todas as alturas?

— Não, meu amor, não. Continuemos a voar sempre assim, com as azas do nosso amor, o motor do nosso coração e o combustivel ultra-maravilhoso dos nossos beijos...

— ...tão quentes e tão bons, não são, Esaúsinho?

— Sim, minha filhinha... Mas se, um dia, houver uma "panne", uma explosão no motor, um incendio no apparelho?

— Ora, isso é humano e é...

— ...tambem divino, Melindre, pois não é?

Mas, desta vez, ainda desta vez, o vôo se fez sem perigo.

ESAÚ & JACOB

O dr. Leão Velloso Netto, ministro do Brasil na China, é uma das figuras mais prestigiosas do nosso meio diplomatico e social. Espirito fino e culto, «gentleman» irreprehensivel, o illustre diplomata patricio, que exerce, actualmente, as altas funcções de chefe do gabinete do sr. ministro das Relações Exteriores, vem prestando valiosos serviços ao Itamaraty, no posto que ahi, com tanto brilho, occupa.

:: Lanternas de Papel ::

AS BARBAS DO PROPHETA

No Departamento Nacional do Ensino reuniu-se, terça-feira penultima, a Commissão Nacional de Cooperação Intellectual para receber solennemente o professor Julien Luchaire, director do Instituto de Cooperação Internacional da Sociedade das Nações, que, a convite do governo brasileiro, se encontra nesta capital. Na gravura acima vêem-se, além do professor Luchaire, o dr. Aloysio de Castro, director do Departamento Nacional do Ensino, e demais membros da Commissão Nacional de Cooperação Intellectual, srs. Paulo de Frontin, Medeiros e Albuquerque, Affonso Celso, Miguel Couto, Roquette Pinto e Afranio Peixoto.

Poucos annos tem havido no Rio de Janeiro com um periodo de chuvas tão prolongado e cacête como o destes dias. Tempo constantemente cinzento. Saltos bruscos de calor e frio. Ventanias subitas. E' dia e noite a chuva miuda ou grossa com pequenas estiagens.

Tudo isto sabem por que?

Por causa das barbas dum propheta.

Laureano Ojeda, o mexicano que desvenda o futuro e que pregava ás multidões deante de seu rancho de taboas na Gavea, foi violentamente agarrado pela policia e levado á chefatura. Nenhum espirito tolerante e imparcial poderá justificar esse arbitrario procedimento das nossas autoridades. O propheta da Gavea não fazia mal a ninguém, não aconselhava rebelliões, não perturbava a ordem publica, não embaraçava o transito, não pedia dinheiro, não organizava macumbas, não receitava remedios nem fornecia beberagens ou "despachos". Toda a sua acção era verbal, porém, mesmo assim, a policia entendeu de implicar com ella. Alguns soldados trouxeram preso o propheta inoffensivo. O delegado inquiriu-o e nada lhe achou de mal nas respostas calmas que deu. Entretanto, eivado dos preconceitos da sciencia official, julgou que um homem não mora num rancho, attrahe a credulidade publica e não se mete a adivinhar o porvir sem ter uma aduela de menos...

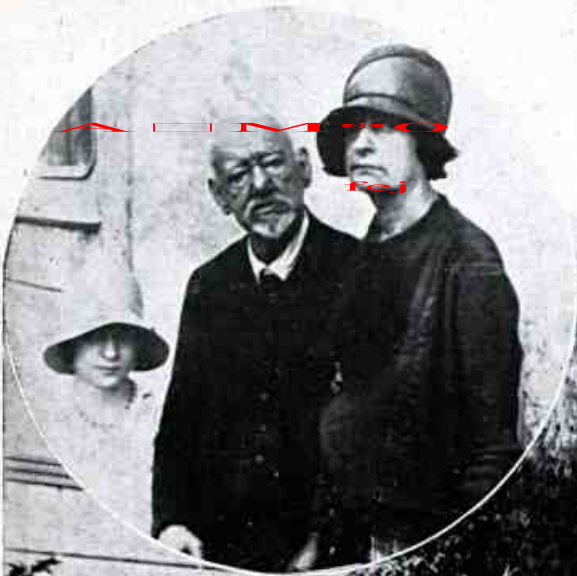
Remetteu-o logo para o Hospicio Nacional de Alienados, embora se diga que tal estabelecimento é peor do que o inferno. Deu entrada o homem alli, serenamente, com o seu andó espontado e os seus cabellos nazarenos. Os medicos psychopatas e outros bicharócos de nomes ainda mais pedantes puzeram-se a observal-o, afim de darem em linguagem indecifravel o diagnostico infallivel, elles que mal sabem o que lhes róe as tripas. E uma de suas primeiras providencias foi outra arbitrariedade completiva da que a policia commettera: raspar o bigode e a barba, e cortar a cabelleira de Laureano Ojeda.

Com que direito?

Não se sabe bem ao certo. As almas despidas de preconceitos scientificos e outros ainda peores condemnam essa violencia. Os tribunaes entenderam, na irresponsabilidade collectiva de sua eterna injustiça, apoial-a, negando ao pobre homem, aprisionado e desbarbado á maque, o remedio legal do "habeas-corpus".

Pois bem, o propheta sentio-se com o córte de suas barbas semi-talmudicas. Doeu-lhe essa raspagem. E elle appellou para os altos poderes mysteriosos que o enviaram a presenciar as mesquinharias deste horrendo valle de lagrimas e de lama...

(Conclúe na pagina 56)

As commemorações do segundo anniversario do Syndicato Medico Brasileiro tiveram inicio domingo, com a cerimonia inaugural, na Casa do Medico, á rua Cosme Velho, da placa de bronze assignalando a doação feita pelo dr. Felicio Torres. São aspectos dessa solennidade o que fixam as gravuras desta pagina.

PALESTRA-MOLDURA

No proximo dia 4 de dezembro, ás 5 horas da tarde, deverá realizar, no Casino-Beira-Mar, a sua esperada palestra-moldura sobre "Eclectismo" a illustre escriptora e poetisa Maria Eugenia Celso.

Para essa hora de arte e de poesia, innovação no genero conferencia, já ha uma grande procura de bilhetes.

Foi uma nota de grande brilho mundano a festa que o Syndicato Medico Brasileiro offereceu, segunda-feira á noite, nos salões do Club Germania, á nossa alta sociedade, para commemorar o segundo anniversario de sua fundação. Realizou-se antes uma sessão solenne, com a presença das altas autoridades e de figuras de destaque da «élite» carioca. Em seguida, teve inicio o baile, que constituiu uma apotheose deslumbrante da commemoração do Syndicato Medico.

PAINEL DE AZULEJOS

CONVERSA COMMIGO MESMO

M. Nogueira da Silva, nosso collega de imprensa e nome de larga projecção no scenario intellectual do paiz, é um deslumbrado pelo genio do poeta maranhense Gonçalves Dias, cuja obra immortal estuda e commenta num livro intitulado «Bibliographia Gonçalvina», a apparecer brevemente. Desse livro, incontestavelmente precioso, M. Nogueira da Silva destacou um dos capitulos mais importantes — o estudo que tem como epigraphe «As edições allemãs dos cantos de Gonçalves Dias» — e o publicou numa brochura de trinta e tantas paginas de bôa prosa, e que são um notavel subsidio para a bibliographia do grande poeta da «Canção do Exilio».

Na verdade, tenho muitas e muitas vezes soffrido. Na verdade, tenho muitas e muitas vezes chorado. Consola-me, porém, a esperança do poeta hebreu: colher na alegria a messe que reguei com lagrimas...

* *

Por que sondo continuamente com o meu pensamento a profundidade do abysmo do incognoscivel que de todas as partes me rodeia? Por que sondo com o olhar sempre e sempre o infinito que me cerca e desafia a minha concupiscencia mental?

Por que?

* *

A palavra escripta e a palavra falada dos philosophos, desde que com elles comecei a conviver, mostra-me no mundo a indifferença da natureza, a fatalidade inexoravel das leis geraes e o triumpho apparente da injustiça.

Mas eu continuo a crêr na derrota definitiva do erro, pois o universo só pode ser governado pela razão.

* *

Não é preciso ser crente nem ser feliz para ser bom. O sceptico e o desgraçado podem ser santos. A bondade — ensina um grande espirito — não depende de nenhuma theoria.

* *

Quando o grande Malebranche escreveu seu celebre axioma — *Dieu n'agit pas par des volontés particulières*, escreveu um pensamento espontaneo do meu coração.

* *

Perante o enigma das causas e dos fins, meu pensamento bate asas como um passaro de encontro a uma vidraça e refugia-se, para repousar, no dito de Hegel: "E' preciso comprehender o inintelligivel como inintelligivel..."

* *

Todas as vezes que os meus labios balbuciam uma oração, acode-me á memoria um verso latino:

Temui popano corruptus Osiris.

E' sempre uma tentativa de corrupção da divindade...

* *

Desejo — illusão proteica, eternamente renovada...

* *

"Ninguém, em materia de negocios — escreveu Renan — arriscaria cem francos com a perspectiva de ganhar um milhão sobre uma probabilidade como a da vida futura. Entretanto, qualquer um por ella regula a sua conducta."

E' que a Fé é muito maior do que os raciocinios de Renan...

* *

A humanidade é como um exercito que occupa uma linha de batalha. Officiaes e soldados avançam, recuam e se fazem matar visando objectivos que ignoram. Por que confiam no quartel-general que traça os planos e sabe o que faz para a victoria commum. Ajamos, pois, confiando em Deus que sabe o por que e o para que de tudo quanto nos ordena.

O equilibrio é a inercia, irmã gemea da morte.

* *

A contemplação do mundo exterior produz a vida interior e a contemplação da vida interior dá a serenidade.

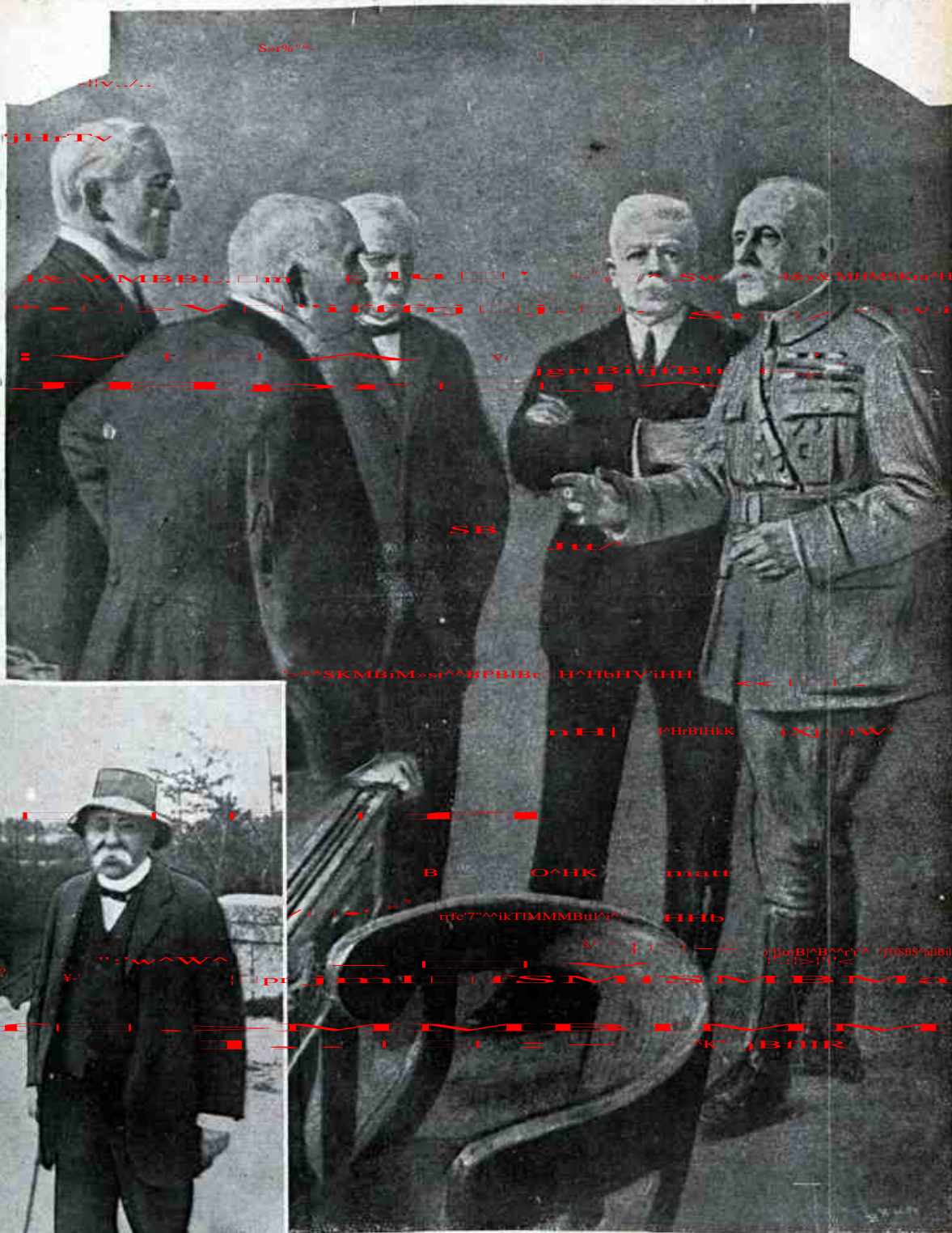
* *

Devemos procurar a Verdade dentro de nós mesmos. Outra coisa não significa o *nosce te ipsum* do templo de Delphos.

* *

E' na minha propria intimidade que eu procuro e encontro o maior encanto da minha vida. Sigo o conselho de Theoctisto nos *Dialogues philosophiques*: "*Je porte avec moi le parterre charmant de la varieté de mes pensées*". E, assim, desafio a maldade da ignorancia humana...

D. Jayme

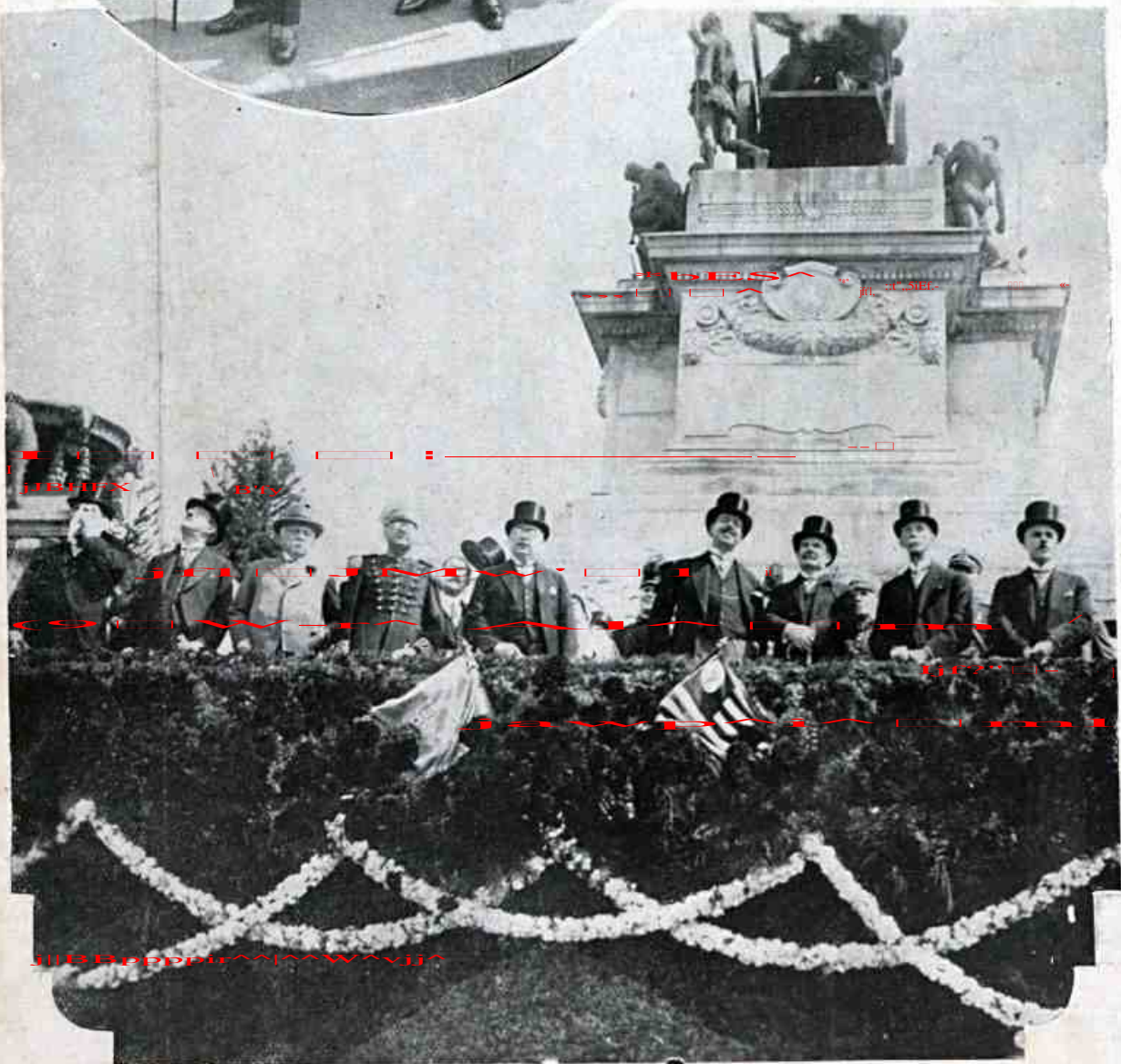
Poeta bizarro, sobretudo por ter a preoccupação de fugir ao logar commum, Padua de Almeida acaba de nos offerecer, em luxuosa «plaquette», os seus primeiros versos. Essa collectanea de poemetos intitula-se «Minha Sombra». E nelles, o poeta, — conservando sempre a nota da sua individualidade artistica — deixou que a sua emoção se plasmasse com todo o encanto da sua originalidade. Assim, Padua de Almeida não é um poeta que se subordine a esta ou aquella escola; é apenas um poeta que realiza a sua arte, através do seu temperamento.

AINDA ha pouco a alma heróica da França immortal perdia, com Foch — o Marechal da Victoria — uma das suas mais bellas e symbolicas encarnações. Logo depois, outro nobre soldado da «Grande Guerra» também desapparecia — Pétain;

Agora não foi um soldado, um guerreiro, um conductor dos exercitos da Victoria, aquelle que a morte acaba de roubar á sua Patria: mas foi «Le Pére de la Victoire» — Clemenceau — o batalhador ferreo, que morreu como sempre viveu — de pé, erecto, firme, na serena attitude de um victorioso, de um triumphador que sabe que vae tombar, mas ainda assim não se rende.

Como sempre viveu, é que elle também baqueou — fragorosamente, abalando na sua queda a alma gloriosa da França e o coração immenso do mundo, que soube admirar e venerar sua nobre figura de patriota.

Estampando um dos mais recentes retratos do notável estadista, publicamos também a photographia histórica que se vê acima e que representa Clemenceau, Wilson, Lloyd George, Foch e Victor Orlando, após uma das conferências sobre a paz, no Ministério da Guerra da França.

Decorreram com o brilho de sempre, na capital paulista, as commemorações de 15 de novembro. Muitas foram as solennidades que alli se realizaram, de caracter civil e militar. Mas, sem duvida, a mais brilhante de todas, foi a parada da Força Publica, que desfilou em frente ao monumento do Ypiranga e em continencia ao presidente do Estado. E' um aspecto dessa formatura, enquadrado num ambiente de grande esplendor pela sua magnitude e significação historica, o da presente gravura.

Ao medalhão: o presidente Julio Prestes chegando ao monumento do Ypiranga, em S. Paulo, para assistir á formatura de 15 de novembro, acompanhado dos drs. Salles Junior, secretario da Justiça, e Lazary Guedes, secretario da presidencia; coronel Marcilio Franco e major Tenorio de Britto, da casa militar de s. ex. Na outra photographia: s. ex. na tribuna official, ladeado pelo dr. Heitor Penteado, vice-presidente do Estado; dr. Salles Junior, secretario da Justiça; dr. Oliveira Barros, secretario da Viação; general Hanstimphilo de Moura, commandante da região militar; dr. Bastos Cruz, chefe de policia; senador Fiel Fortes, presidente do Senado Estadual; dr. Pires do Rio, prefeito de São Paulo, e senador Antonio Azeredo, vice-presidente do Senado Federal.

Dialogo do Homem feliz e da Mulher infeliz

SALA de espectaculo na Cinelandia. Nas galerias, atrás dos camarotes, multidão espersa, silenciosa. Muitas cadeiras vazias. — Na téla, correrias e beijos. Musica e canto.

Elle (*em voz baixa*) — Será audacia excessiva fallar-lhe?

Ella (*em tom ambiguo*) — Não muito maior do que a de me acompanhar como tem feito ha meia hora.

Elle (*indeciso*) — E... diga-me... desagrada-lhe a audacia?

Ella (*no mesmo tom mysterioso*) — Depende do fim dessa audacia.

Elle — Não lhe parece que uma admiração sincera a justifica?

Ella (*sempre reservada*) — Eu disse fim, e não causa.

Elle — E' subtil, e mysteriosa. Responde sem responder. Encanta-me cada vez mais.

Ella (*interessada*) — Agora sou eu quem lhe pergunta: agrada-lhe o mysterio?

Elle — Como a toda creatura humana. Creia, nós fingimos nos revoltar contra a ignorancia em que estamos de tudo na vida, e, entretanto, si um interprete compassivo traduzisse o universo em linguagem humana, afim de podermos ler nas paginas abertas da vida e da morte... como tudo nos pareceria desinteressante e incolor!...

Ella (*fascinada e pensativa*) — Talvez não... Penso que seria bom ler o capitulo da felicidade e marcal-o com um estillete de ouro, para que, ao folhear o destino, este se abrisse sempre na mesma pagina...

Elle (*surpreso*) — Vejo que estou fallando com uma creatura de intelligencia invulgar. (*Contempla-a*). Belleza... e talento. E' demais.

Ella (*sem falsa modéstia*) — Tem razão. Para a felicidade é demais.

Elle. — Noto que a fascina essa palavra: "felicidade". E' uma palavra apenas. O sentido della está em nossa vontade.

Ella — Diga-me... o senhor é feliz...

Elle — Quasi... affirmou mais do que perguntou. Em que o percebeu?

Ella (*com ironia*). — Por certo não foi na falta da camisa... E' um feliz que veste com requinte.

Elle — Então?

Ella — Foi no modo como disse que a felicidade está na vontade. (*Com ironia dolorosa*). Só aquelles a quem a vida não provou duramente o contrario guardam tão animadora illusão.

Elle — Dá licença que eu tambem faça um pouquinho de psychologia?

Ella — A' vontade. E' o direito de contra ataque no duelo.

Elle. — Sinto que não é feliz. (*Olhando-lhe as mãos enluvadas*). Ignoro si é casada... ou viuva, mas affirmo que o homem que teve a ventura de viver a seu lado não soube apreciar o dom regio da... sorte.

Ella (*esquivando-se*). — Acha que a felicidade de uma mulher depende de um homem?

Elle (*ousadamente*). — Sim — e vice-versa.

Ella (*olhando-lhe a mão*) — Então a sua é obra de sua esposa?

Elle. — Acertou. Mas, como a escolha de minha esposa foi obra minha, posso dizer que construi com paciencia e geito minha felicidade.

Ella (*com vivacidade espontanea*). — Não é exacto. Ninguém escolhe o par para o "charleston" da vida. Um encontro... um acaso... o amor que faz uma apresentação apressada, e eis os dois unidos dançando a contra tempo... e pisando muitas vezes nos pés um do outro.

Elle (*cada vez mais fascinado*). — A comparação é exacta e espirituosa. Mas eu sou um homem eminentemente equilibrado. Não esperei por esse velho casador a que chamam Cupido. Tirei meu par eu mesmo... escolhendo-o longamente.

Ella. — Então não casou por amor?

Elle. — Não conheço esse sentimento.

Ella (*olhando-o muito*). — Que homem feliz!

Elle. — Quasi. Lembre-se que eu disse: quasi feliz.

Ella. — E de que é feito esse quasi?

Elle. — Da monotonia de uma vida regrada, arrumada de mais. Comprehende?

Ella (*dilatando os grandes olhos tristes*) — Não... não comprehendo...

Elle — O que vale na vida é a emoção, qualquer que ella seja; naturalmente, de preferencia a emoção bôa, feliz. Porém, eu, receiando o soffrimento, a discórdia; principalmente, a que tenho horror, dissolvi tanto os ingredientes do meu destino na agua clara da prudencia, que me quedei com uma beberagem insossa...

Ella. — E agora quizera turval-a, salgal-a nem que fosse com um veneno?...

Elle (*olhando-a muito*). — Sim... nem que fosse com um veneno... desde que o sabor desse veneno tivesse a doçura immortal do Bello.

Ella (*pensativa e irônica*). — Agora estou comprehendendo uma coisa que até então revoltava minha intelligencia.

Elle. — Qual é?

Ella. — Que não ha contradicção entre a bondade infinita que suppomos em Deus e a miséria do mundo. Elle, que conhece bem as creaturas humanas, comprehendeu! sem duvida, desde toda eternidade, que ellas preferem soffrer a se aborrecer.

Elle. — E' verdade: a vida é uma affirmação e por isso odeia essencialmente a negação; não feliz — nem infeliz é negação dupla. O maior supplicio na existencia é a situação do jogo de prenda: sem chorar e sem rir, sem rir e sem chorar. Martyrio tanto maior quanto nem siquer o lenitivo de um consolo tem: ninguém o reconhece.

Ella. — Curioso!... Eu tenho essa theoria. Porém, em mim, julgo-a natural, porque, no fundo da consciência, reconheço que é a theoria eterna da raposa da fabula. Procuro convencer-me de que felicidade e dor se equivalem em tanto que emoção... mas é porque a primeira está fóra de meu alcance. Faço a apotheose da magoa, medito sobre a esthetica do soffrimento como mãe a procurar encantos na feiúra do filho que irremediavelmente é o seu. Porém que uma pessoa feliz — ou quasi — aspire a tortura do sentimento... (*Olhando-o*). Então deseja provar a... dor de amar?

Elle. — Dor... ou gozo... ou ambás as sensações... não importa. Desejo, sim, conhecer de perto o ente mysterioso do qual, na phrase de La Rochefaucould, como dos fantasmas, todo mundo falla e que bem pouca gente vê.

Ella. — Sabe que nenhuma mulher resiste á seducção perversa... de ensinar a soffrer?

Elle. — Sei... e como neophito fervoroso me offereço ao martyrio, professando a fé do meu coração virgem.

(*Um silencio*).

Elle. — A luz vae accender... O romance da tela está acabado. Tornarei a vêl-a?

Ella. — Já não lhe disse? Poderia resistir ao desejo de lhe dar um pouco de felicidade... mas como fugir á tentação de lhe fazer algum mal?

(*E antes que a luz surgisse no momento ultimo da treva cantante um numero de telephone, murmurado rapidamente foi o primeiro dos grãos que o pequeno polegar de arco e flecha costuma deitar no caminho que leva á grande loucura. Chegariam a seguil-o, o homem feliz e a mulher infeliz..., ou viriam a come-los as aves do acaso?*)

A CAIXINHA AZUL...

SUSIE é o pseudonymo de uma nova escriptora brasileira. Muito joven ainda, Susie começa onde os outros acabam. Ella tem todas as qualidades de um escriptor de raça. Sensibilidade, imaginação, força, alliam-se no seu estylo ás qualidades de uma technica que já parece de um experimentado profissional das letras. Essa joven escriptora tem, pela intuição, todos os segredos complexos da arte de escrever. As difficuldades da composição não existem para o seu talento. Ella as vence com o seu sorriso de mocidade e a confiança do seu enthusiasmo. E realiza pequeninos quadros deliciosos de emoção, que espantam pela precocidade que revelam. Aos vinte annos, Susie, com um gosto, uma cultura e uma dignidade literaria de escriptor feito, é bem a Maria Bashkirtseff brasileira.

FON-FON tem a alegria de apresental-a hoje aos seus leitores, nesta pagina de deliciosa melancolia, feita a traços leves sobre as sombras de uma tragedia profunda e silenciosa.

— "Olha só que bonita fazenda! Você me dá? Vou fazer um vestido para a Didi, não sabe? Aquella boneca de cabello arrepiado... E esta!... Oh! que belleza!... Você me dá essa tambem, titia?"

E a garotinha examinava com attenção aquelles retalhos que eram um mundo para os seus cinco annos, e eram suggestões poderosas para a sua fantasia de costureira.

Separava os mais vistosos e voltava a mexer na gaveta procurando sempre, querendo sempre mais, pois tinha tantos filhos!... e estavam precisando de roupa.

— "Você não sabe, titia? Aquelle vestido verde que você fez para a Lili já rasgou; e a barata roeu as calcinhas do Lulú. Fez um buraco enorme... Você me ajuda a fazer roupa para elles, sim, titia?"

A senhora sorria; aquella phrase: "você me ajuda?" queria dizer "você faz", e ella se divertia com o expediente da garotinha. Mas dizia que sim. Por que não havia de fazer? A sua vida era toda daquelle pedacinho de gente, e a sua felicidade se resumia em fazel-a feliz. Sentada a poucos passos da menina, arrumava uma gaveta de papeis, rasgando os que eram inuteis, separando os que podiam servir. Relia algumas cartas de sua mãe, de suas amigas. Escolhêra aquelle dia para arrumar as suas gavetas, e quem estava gostando era a pirralhinha, que se movimentava como soberana naquelle mundo de trapos, de papeis, de retratos, mexendo em tudo, perguntando tudo...

Mas aquella gaveta de retalhos a tinha desinteressado das outras cousas todas... Antes de tudo era mãe extremosa... e seus filhos precisavam tanto de roupa!...

E muito compenetrada, a menina dobrava as fazendas, media, combinava as côres, ia separando os futuros vestidos:

— Este é para a Didi.

— Esta fita é para o chapéo do Lulú.

— Olha, titia, essas rendas servem para o vestido de baptizado da Lili, não é? Você faz bem comprido e bota esta fita na cintura. Que belleza!

E a garota voltou a mexer na gaveta, procurando mais, sempre mais...

Sentiu uma cousa dura; parecia madeira... Apalpou... tirou os trapos que estavam em cima, e descobriu uma caixinha azul e dourada, uma caixinha linda, que immediatamente supplantou os trapos e excitou a sua curiosidade e a sua cubiça...

Talvez contivesse algum thesouro? Um retalho daquella fazenda de esmeraldas com que era feito o vestido da fada Esperança? A tia contava-lhe sempre historias em que havia trajes de brilhantes, de rubis... Talvez ella tivesse um pedacinho daquellas fazendas...

Quem sabe?

E a menina abriu a caixinha mysteriosa... mas só encontrou umas flôres seccas, uma carta muito amarella e um lenço muito grande... Muito quieta, examinou o seu achado; cheirou o lenço, que conservava ainda um vago aroma de violeta, virou e revirou a carta... Que seria aquillo? Com certeza não prestava!... E ella ficaria com a caixinha.

Enthusiasmada, chegou-se á tia e perguntou:

— Que é isto, hein, titia? Não presta, não é? Você vae me dar a caixinha para eu guardar umas cousas; você dá?

A senhora estremeceu, teve um gesto brusco e arrancou a caixinha das mãos da garota e sua voz denunciou uma grande commoção:

— Não, minha filha; nisto não se mexe.

A menina estranhou aquelle modo, e, olhando-a muito espantada, murmurou:

— Mas, para que servem aquellas cousas? Aquelle papel está tão sujo! Você podia botar fóra, junto com esses que estão ahi no chão; o lenço você guarda na gaveta, e prompto... você pode me dar a caixinha.

Mas esta solução, tão simples, não agradou, e a resposta foi breve:

— Não posso... Vae brincar, minha filha.

Com a intuição formidavel que têm quasi todas as crianças, a menina comprehendeu que era inutil insistir, e voltou aos seus trapos... mas só pensava na caixinha e perguntava a si mesma:

— "Mas, para que servem aquellas cousas? Por que é que titia não rasga aquelle papel tambem?"

Si ella soubesse!... si ella pudesse avaliar o que representavam aquellas ninharias para o coração de sua tia! Aquellas cousas!...

Eram os restos de um grande sonho de amor; eram a recordação de uma juventude vibrante, de um sacrificio silencioso; eram um poema, um romance... eram tudo... para a grande saudade daquelle coração de mulher.

Ah! aquellas cousas!...

E emquanto a garota procurava resolver o seu problema, a velha tia enxugava duas lagrimas silenciosas, com aquelle lenço muito grande, que, apesar do tempo, conservava ainda um vago aroma de violeta...

SUSIE

A Sociedade Propagadora de Bellas Artes commemorou, na noite de sabbado, com uma sessão solenne, o 73.º anniversario de sua fundação. Durante a cerimonia, que foi amenizada com uma hora de arte, na qual se fizeram ouvir, em declamação ou musica, varias figuras applaudidas dos nossos salões, se procedeu á entrega dos certificados aos alumnos que concluiram os cursos commercial e technico-profissional do Lyceu de Artes e Officios em 1928.

CARTAZES EDUCATIVOS DA LIGHT

O Departamento de Publicidade da Light, sob a competente direcção do nosso confrade F. C. Scovile, está adoptando uma providencia que merece francos elogios.

Procurando cooperar com o Departamento do Trafego no sentido da educação do publico, afim de evitar os accidentes mais communs e geralmente em bondes, causados pela imprudencia de certas pessoas, aquella secção da grande empreza está affixando varios modelos de interessantes cartazes nos seus vehiculos, os quaes chamam logo a attenção e convem que sejam lidos.

Esses cartazes, que foram executados pelo artista Calixto Cordeiro, orientam o publico no modo por que se devem conduzir os passageiros nos bondes, e virão bastante contribuir para evitar muitos accidentes.

Fon-Fon agradece a primeira collecção de cartazes, differentes, a ser affixado um em cada 30 dias, que a Light lhe enviou e para a leitura dos quaes chama a attenção do publico.

A NOVA BAHIA

Edificio (em construcção) do jornal bahiano «A Tarde», de propriedade do deputado Simões Filho, que o fundou ha dezesete annos. «A Tarde» é hoje o mais prospero diario do norte do paiz e o seu predio o mais bello da Bahia que se transforma. O deputado Simões Filho, figura inconfundivel no jornalismo e na politica do nosso paiz, realizou com «A Tarde» uma das mais notaveis e bellas iniciativas da imprensa brasileira.

DIFFERENÇAS

Uma veio e me disse:

— "Amo-te porque te admiro. Porque és intelligente. Porque eu sinto a emoção de tudo quanto escreves. Porque tens talento e o teu talento me arrastou para ti e me fez tua admiradôra".

A outra, a custo, me respondeu:

— "Eu não sei porque te amo. Nunca reparei senão eu ti mesmo. Eu te pertenci desde que nos vimos. E o meu desejo foi de ser ao menos alguma cousa, que pudesses levar sempre comtigo..."

Eu ouvi uma e outra. A primeira continuou a ser minha admiradora; a segunda, de rosto de Madona, bella como um lyrio, foi o meu Amor...

* * *

Eu disse:

— "Fui a montanha; tu fôste a nuvem caminheira. A montanha ficou parada no seu somno de pedra; a nuvem continuou pelo azul, engrinaldando o céo."

Ella tornou-me:

— "A nuvem teve o seu destino compromettido e, para não desobedecer á força poderosa dos ventos, que a impelliam, cahiu em fôrma de chuva sobre a massa obscura da montanha..."

E eu afaguei o sonho que me dava esta illusão de felicidade!

ANACREONTE

VASCO — AMERICA

REVOADA...

Passei uma semana
voando por esses céos... Romagem alta
de pássaro rasteiro.
Passei uma semana,
ausente, e creio não ter feito falta
á encenação mundana
do Rio de Janeiro,
ao palco ou á ribalta
da vida sebastianopolitana.

De volta, achei a mesma indifferença.
Ninguem, talvez, notára que eu partira.
A gente pensa que... A gente pensa...
Mas a gente pensava e era mentira.

Talvez, nem tanto assim.
Fui, voltei, e, entrementes,
chegaram para mim
dois livros, dois presentes:
— "Ouvir estrellas" e "Roseira brava".
Dois livros... E eu pensava
que, entre as almas viventes,
no mundo culto, de ironia ao labio,
ninguem mais se lembrava
deste pobre Léo-Fabio!

Ouvir estrellas, um poemeto em prosa.
D. Alice Leonardos,
escriptora finissima e harmoniosa
e dama da mais pura distincção,
invocando a um dos nossos grandes bardos
o romantismo de um soneto celebre
(ouvir estrellas!)
bordou na talagarça desse titulo,
bordou — que suave mão! —
bordou com a áurea agulha da agil penna,
um ameno capitulo
de phantasia e de recordação.
A escriptora é serena.
O estylo é claro, sem affectação,
como o da joven mestra encantadora
Maria Eugenia Celso, essa escriptora
da minha mais sincera admiração.

Palmyra Wanderley — Roseira brava,
musa do norte, patativa escrava
da gaiola do sonho... Canta bem.
Canta suave e bonito.
Não é araponga que martéla o grito
pelos grotões além...
E' a inambú que arrula, e arrula o canto,
com tão flebil encanto,
que só de a ouvir cantar, logo se vê que é alguem.

E, uma noticia esplendida e festiva!
Annuncio-a, e ainda hei de a,
por outras tantas vezes, annunciar:
Margarida
Lopes de Almeida,
impressiva, expressiva, suggestiva,
Margarida de Almeida,
a interprete querida,
vae voltar.
Vae voltar a arte pura, a sã belleza,
ora auroral, ora crepuscular,
o meio-dia com abat-jour de seda,
ora serena e triste, ora garrida e leda,
a interprete da graça e da surpresa,
Margarida,
ausente, omnipresente, bemquerida,
vae voltar...

Bazar de Bonecas

Feira de Vaidade e de Elegancia

BALCÃO FLORIDO

— Ingrato, você é um grande ingrato...

Lá fóra as meias tintas-cinzas do crepusculo desciam serenamente sobre a cidade. E naquelle pequeno salão de leitura, onde Boneca me recebeu, acolhendo-me com um olhar muito longo e cheio de immensa tristeza, um olhar que me confundiu e commoveu profundamente, pela silenciosa exprobação que reflectia, sua silhueta fidalga e elegante, tocada pela penumbra ambiente, parecia ungida de santidade.

— Sim, repito-lhe, repetir-lhe-ei sempre: você é um grande ingrato e foi-me muito doloroso reconhecer isso naquelle que eu julgava ser o meu melhor amigo...

— Boneca, escute, ouça-me, minha amiga. Sim, você em parte tem razão de me julgar assim. Ha muito tempo não lhe ap parecia, e é justo que você pensasse que eu a tivesse esquecido — eu que nunca passava uma semana sem o prazer de vir beijar esta mãosinha desconsolada...

— ...que você não beijará mais, nunca mais...

E retirando a mão, que eu, num gesto de carinho, ia levar aos labios, Boneca, levantando-se da cadeira vizinha á minha em que estava sentada, dirigiu-se para a sacada que dava para o seu lindo jardim.

Fui a seu encontro. E disse-lhe:

— Perdôe-me, se acha que tem motivos para me julgar assim e receber-me com semelhante frieza. Quando vim, vinha procurar o coração amigo e bom, onde sempre encontrei consolação e conforto. Respeito a resolução que tomou, tal vez irreflectidamente, de nelle vedar accesso a seu melhor amigo... Adeus...

— Adeus?

— Sim, Boneca, adeus...

— E quem foi que escreveu, um dia, que não se diz... adeus a quem se ama, a quem se tem bem dentro do coração, a quem está sempre presente, mesmo distante?

— Eu, que sempre a trouxe dentro de mim, eu que nunca a esqueci, e que sou forçado, hoje, diante de sua indifferença, a reconhecer que ha muito tive o adeus de seu coração...

— De meu coração, não: o da minha desillusão e do meu soffrimento...

— Boneca, escute, não seja má, não seja injusta. Sei por que me recebe, hoje, assim...

— Ah, sabe, confessa?

— Sim, mas — juro-lhe — que nunca amei aquella mulher. Foi...

— Não, por piedade não fale mais, nada mais diga.

E Boneca deixando a sacada voltou a sentar-se.

Então já as sombras da noite dominavam o pequeno salão.

— Quer fazer-me um favor?

— Estou ás suas ordens.

— Por que me respondeu de tão seccamente e por que se conserva de pé?

— Minha amiga, respondér-lhe-ei depois. Que desejava, porém, de mim, que favor queria que lhe fizesse?

— Ah, sim. Era fazer luz na sala. Mas, não. Está bem assim. Esta obscuridade condiz bem com minha alma de hoje... Sente-se aqui, ao pé de mim.

— Boneca, minha filha, escute: lembra-se de uma phrase de Bourget que lhe citei um dia, num dia de tristeza e de angustia para mim?

— Não. Que phrase?

— "Não são os actos que é preciso julgar, na vida. São os corações."

— E quer que eu julgue não o seu... acto, mas o seu coração, não é?

— Sim, Boneca. Sim, meu amor.

Allez, rien n'est meil-
[leur à l'ame
Que de faire un ami
[moins triste

. . . .

Les chères mains qui
[furent miennes
Faites le geste que par-
[donne

— Querido!... meu querido e adorado ingrato!

A noite acabava de invadir o salão onde nos achavamos, e sob seu velario protector e pacifico os meus labios e os de Boneca mais uma vez trocaram um juramento de amor.

Carmen Esteves de Assis, apesar de sua edade, é uma gentil brasileirinha que já enche de legitimo orgulho os seus patricios. Em Paris, onde se encontra, a pequena «virtuose» patricia conquistou, com brilho, o primeiro premio de violino, «au Conservatoire» da capital franceza.

ESTRELLAS CADENTES

— Caminheiro, de olhos inquietos, velados de melancolia, para onde vaes? Que buscas pela estrada longa que vens palmilhando amparado no teu bastão de peregrino?

— A luz que perdi.

— A luz? E's cego, então?

— Não. Mas fez-se noite em minha alma, um dia, e nunca mais, nunca mais as trévas da tristeza me abandonaram.

— E a luz que te envolve e acaricia agora — a luz glorificadora do sol — e a luz que se irradia de teus olhos, e a Luz das luzes — que é a razão revéladora de Deus, caminheiro, não te bastam ainda?

— Não; tudo isso é muito, tudo isso é pouco..

— Não te comprehendo...

— A luz do sol fascina-me, agrada-me; a da razão faz-me soffrer, tortura.

Por que?

— Porque a razão creia a duvida e não revela Deus.

— Que luz, então, procuras?

— A que revela Deus e illumina e põe em festa o mundo interior de nós proprios, a luz...

— Que luz?

— A luz suave e doce do coração, que *sente Deus*, como disse um philosopho.

— A luz do amor, queres dizer?

— Sim, a luz divina do amor, que contem Deus; porque Deus é o Amor, todo o Amor infinito, mysterioso e eterno.

— Mas buscas sómente Deus, ou tambem o amor das mulheres?

— Deus tambem está no amor das mulheres...

— Pobre louco...

— E eu busco, como o poeta.

.... *cette clarté D'une amour à la fois immortelle et première*

com que illuminar meu coração...

— Pobre louco! Caminheiro, escuta: toma de novo do teu bastão de peregrino e retrocede, volta atraz, para atraz da estrada, longa e deserta, que vens palmilhando...

— Por que voltar?

— Porque atraz, muito atraz é que está a luz que tu buscas. Recúa vinte annos na tua vida de peregrinação sobre a terra e talvez te lembres de haver sentido essa luz fazer a festa do teu coração...

— Talvez tenhas razão. E' tarde, porém, para recuar. Irei para a outra luz, a Grande Luz, que é todo o Amor immortal — Deus.

E o caminheiro proseguio na sua dolorosa peregrinação.

Mlle. Maria Luiza Pereira, figurinha galante da nossa sociedade.
(Photo De los Rios)

SEARA ALHEIA

LES HEURES

EMILE VERHAEREN

"Heures du matin clair", "Heures d'après-midi",
Heures superbement et doucement élues,
Dont la ronde s'allonge en nos sentiers tiédis
Et que nos rosiers d'or au passage saluent,
Voici l'été qui meurt et l'automne qui naît.

Heures ceintes de fleurs, reviendrez-vous jamais!

Pourtant, si le destin, qui tient en mains les astres,
Nous épargne ses maux, ses coups et ses désastres,
Peut-être, un jour, reviendrez-vous, devant mes Yeux,
Entrelacer vos pas égaux et radieux;

Et mêlerais-je, à votre ronde ardente et douce
Tournant, dans l'ombre et le soleil, sur les pelouses,
— Tel un suprême, immense et souverain espoir —
Les pas et les adieux de mes "heures du soir".

TORRE DE BABEL

YAYÁ do Bom Fim é uma teimosa sentimental.

Sempre se revelou uma abusiva.

Mas, onde se exaltára a sua paixão dos excessos, fôra justamente na esphera sensitiva.

Mulata, com uma esperteza mestiça muito accentuada, Yayá do Bom Fim é uma figura popular no Rio, e póde-se até alargar o ambito da sua popularidade: ella é conhecida no Brasil inteiro.

A sua vida tem sido uma pagina epileptica de amores e conflictos, e contravenções varias.

Yayá do Bom Fim soffre a fobia da gentileza.

E avançando sempre proposições offensivas, no terreno do desafôro se fez um nome applaudido e respeitado.

Depois de uma serie de loucuras amorosas e aventuras vulgares, subiu-lhe á cabeça a idéa do casamento.

Precisava casar-se, dizia a toda gente. E, segundo as suas proprias convicções, sendo uma figura notavel, vivia apedrejada pelos invejosos que ansiavam por vêr ruir o seu fantastico pedestal. Em circumstancias tão periclitantes, só o casamento poderia salval-a da solidão, da inveja e de outras manchas originaes.

Yayá do Bom Fim começou a pensar no casamento com devaneios quasi infantis.

Quem a surprehendesse em suas visões de amor, architectando futuros castos em captiveiro conjugal, desconheceria a famosa Yayá do Bom Fim, tão querida da mocidade ardente do Rio...

Positivamente, a mulata estava no furor de mais um delirio: o delirio do casamento.

Foi nesse periodo de effervescencia honesta que eu a conheci.

A sua vida passada, que os máos respigavam em episodios picantes, foi-me apenas uma noticia remota.

A minha Yayá do Bom Fim, a authentica, é a virginal — de alma virginal, devo explicar — aquella que eu encontrei opipara de sentimentos regenerados.

A outra, a bohemia, não é já dos meus dias.

A ultima vez que nos fallámos foi nas vesperas do seu casamento.

Ella me appareceu numa toilete matinal, envolta em seu roupão de banho. Guardo nos olhos a sua figura. Estava transfigurada. Nunca imaginei que uma noiva pudesse guardar na physionomia aquella expressão de desespero.

Lívida, os labios cyanoticos, as narinas resfolegavam como duas chaminés inflammadas.

E á minha primeira palavra de cumprimento pela victoria do seu desejo, a realizar-se, Yayá do Bom Fim saraivou-me a cortezia com despropositos brutaes.

Que ella ia casar-se... Que haveria de fazer esverdinhar de inveja os perversos que se mettiam em seus negocios intimos... Que se casava por amor... E isto seria um gesto que, muita gente não comprehenderia.

E eu, estarrecida em face da torrente de innocencia aggressiva de Yayá do Bom Fim, tive-lhe phrases crueis para significar-lhe a realidade do seu destino.

Depois, entrei a divagar sobre tudo isto com a alma em desalento, procurando decifrar os mysterios da humana existencia.

E é verdade... Yayá do Bom Fim é mais uma victima do sentimentalismo.

Casou-se por amor, depois de ter feito do amor uma caricatura desprezivel.

E, porque os gestos nobres sempre lhe tivesse merecido uma natural repulsão, realizando o seu casamento — o seu bello gesto — não acreditava que tomassemos a serio as suas honestas intenções.

Afinal, eu estimo em Yayá do Bom Fim uma reliquia da malandragem nacional. Bohemia, casada, divorciada ou viuva, ella viverá na alma carioca como uma labareda de saudade.

Será a sempre ondulante Yayá do Bom Fim das noites enluaradas da Favela, gemendo ao violão as canções populares do Brasil.

O seu sentimentalismo é a historia de uma raça.

A sua petulancia, o direito da inconsciencia.

Por dentro, Yayá do Bom Fim é inoffensiva.

Tem, apenas, a mania de ser notavel.

E sonha com a gloria de ser mundial.

Como me recordo da afinada Yayá do Bom Fim... Que saudade das suas palestras disparatadas!...

Uma photographia inedita da Festa da Bandeira, realizada a 19 do corrente, na Prefeitura Municipal. Nella apparecem, além de outros, o general Teixeira de Freitas, representante do sr. presidente da Republica; o sr. ministro da Marinha, almirante Pinto da Luz; o embaixador de Portugal, dr. Duarte Leite; o ministro do Uruguay, dr. Ramos Montero, e os membros da missão militar uruguaya que acaba de nos visitar.

(Photo Augusto Malta)

GOTTAS ESPIRITUAES

Bebe e come com teu amigo, mas não trates com elle negocios de interesse. — PROVERBIO TURCO.

Não arrebates a pessoa alguma opiniões que a tornam feliz, desde que não lhe póssas dar melhores. — LAVATER.

Não esperes as circumstancias extraordinarias para fazer bôas acções; procura aproveitar as situações ordinarias. — J. P. RICHTER

A directoria do Club Naval mandou celebrar, no ultimo sabbado, na matriz da Candelaria, uma missa em suffragio da alma dos officiaes e marinheiros mortos na revolta de 1910. No grupo acima, tomado no interior daquelle templo, está o sr. ministro Pinto da Luz entre outras altas patentes da Armada que compareceram a essa homenagem de saudade.

TREPAÇÕES

MME. estava nessa indecisão, que se traduz por — *sim* e *não*. Ora, dizia ao rapaz, ao guapo mocetão de typo athletico, que *não*; no outro dia, quando elle lhe telephonava — madame, ciciando no boccal do telephone, declarava de lá: *sim!*

Durante muitos mezes, o rapaz viveu nessa alternativa: Sim e não. Até parecia que no diccionario da bella senhora não havia senão dois adverbios.

Um dia (ah! em todo romance ha sempre "um dia" ou "uma bella tarde"...) o rapaz foi apresentado a uma formosa amiga de madame.

Troca de sorrisos. Galanteios. Palavras intencionaes. *Flirt* e ciume de madame.

No dia seguinte, não foi o mocetão quem telephonou a madame: foi esta quem telephonou para elle. Houve pedidos de explicações, de parte a parte. Ella se desculpou como poude. E elle tirou o partido que lhe foi possivel.

Ella, do lado de lá, concedia, como no romance de Eça:

— Sim, sim, meu bem.

E elle para machucal-a:

— Não, não, meu amor...

Afinal de contas, não sabemos como acabará esse "caso"... sério para os tres...

A verdade é que o guapo cavalheiro bem pode agora sorrir e dizer: "Entre les deux mon coeur balance..."

* * *

A vida moderna tem, indiscutivelmente, aspectos surprehendentes. Surprehendentes porque são originaes. Uns, comicos, outros, tragicos, outros tragi-comicos... Mas todos originaes.

Um exemplo? Aqui está um delles, e bem frisante.

Madame é um bello pedaço de mulher. Moça, bonita, ella tem direito a ser homenageada pelo seu esposo. Homenageada é um modo de falar. Adorada é que é o termo. Mas acontece que o seu marido é um indifferente. Vive para os seus negocios e o seu dinheiro. Madame acha aquillo exquisito. Não comprehende aquella indifferença. Então, ella não vale mais do que os negocios do seu esposo?

Foi nessa desorientação, e já enfastiada do seu companheiro de vida, que recorreu a um amigo commum, e pediu-lhe:

— Fulano, queria que você arranjasse um affecto para o meu marido.

O outro arregalou os olhos.

— Não se espante! — tranquillizou ella o amigo da familia. — Estou fatigada de meu esposo. E estou ansiosa para que elle me deixe em paz. O unico meio que encontro é concorrer para que elle se apaixone, fóra de casa, por alguem.

O outro não poude levantar-se da cadeira.

A formosa actriz Beatriz Costa, figura de relevo no theatro portuguez, actualmente nesta capital.
(Photo De los Rios)

Guilherme (Lheme), filho da actriz Maria Odette, elemento de destaque da Companhia Eva Stachino.

* * *

MADAME dedicou-se a um *sport* que nos permittimos classificar entre os mais extravagantes que temos conhecido.

A' hora do chá, ella é infallivel a uma das nossas casas elegantes, e ahi pratica o *sport* a que alludimos.

Da sua mesita inspecciona o ambiente e escolhe, para alvo dos seus olhares untados de mél, o almofadinha mais apurado da *zona*.

Estabelece o *flirt* descarado, á vista de todos, não escapando á observação nem mesmo dos *garçons*.

Depois do chá, madame sáe, o almofadinha a acompanha e na rua ella proporciona ensejo para uma ligeira palestra.

O *flirt* continúa dias seguidos, mas, sem consequencia, porque, quando o rapazote pensa que conquistou o coração de *madame*, ella se vae calmamente para outro lado.

Dir-se-ia que *madame*, quando sente a força do cerco, se lembra das filhas moças e muda de rumo...

Que *sport* extravagante!

A Victor Talking Machine Company of Brasil e a Paul J. Christoph Company, celebrando o lançamento ao mercado dos primeiros discos Victor, braeileiros, offereceram, domingo ultimo, no Palace Hotel, lauto almoço á imprensa desta capital e a varias pessoas gradas, o qual decorreu num ambiente de distincta cordialidade. Na gravura acima vêm-se as pessoas que tomaram parte nesse banquete de regosijo.

Numerosos collegas, amigos e admiradores do dr. Octavio Kelly, juiz de direito da 2.ª Vara Civel do fóro desta capital, celebrando o vigesimo anniversario de sua actividade na magistratura, promoveram expressivas homenagens em honra ao illustre patricio, entre as quaes a entrega de seu busto em bronze, cerimonia que se realizou no salão nobre do Automovel Club, no dia 20 do corrente. Na gravura acima apparece o homenageado cercado por um grupo de pessoas de alta representação social que tomaram parte nas manifestações que lhe foram tributadas.

NAQUELLE trecho, deixando para trás a grande chapada onde estava a planicie mais alta, o rio começava a descer, abandonando a planura do terreno, para formar um salto pequeno algumas centenas de metros abaixo.

O leito cedia, então, ao volume das aguas que corriam em catadupa, e tornava-se uma garganta estreita, barrenta e feia, onde a caudal se precipitava surgindo, semelhando uma féra que se revoltasse contra a estreiteza da jaula. A' proporção que o leito descia, as muralhas de barro, gottejantes como si porejassem as lagrimas da terra, faziam-se mais altas e mais proximas, ameaçando esmagar no seu amplexo a agua que corria sempre mais veloz caminho do salto, da queda que devia precipital-a no abysmo em cujo fundo ella rugeria depois, espadanando espumejante, antes de seguir novamente o curso, em outro leito e através nova planice.

Um dia, fosse por que lhe faltasse o apoio; fosse por que a agua, solapando o barro da base, lhe roubasse a firmeza, fosse para se vingar da torrente que lhe rasgava as entranhas, impiedosas, para seguir o seu curso, uma das barreiras lateraes cedeu, ruiu, abateu-se, e sendo grande fechou por completo a estreita garganta por onde o leito fugia.

As aguas não correram mais, durante dias. Vindas de longe, descendo da montanha, ellas paravam ali, deante do obstaculo inesperado e ficavam a revoluterar, iradas, como si procurassem em vão uma brecha por onde fugir em busca do infinito que as attrahia.

Parada, a torrente cresceu ao mesmo tempo que retrocedia no volume. Era lenta, porém, a evolução e durante muito tempo, fechada pela barragem improvisada, houve ali uma bacia, feia e suja porque a terra, continuamente batida, emprestava á inimiga secular a sua côr indefinivel.

Certa manhã, porém, crescidas, as aguas, que não podiam remover a barreira, dominaram-na. Passaram por cima della, mais victoriosas do que nunca, velozes e precipitadas, correndo para o salto onde o seu grito continuou a ecoar, mais forte do que antes, como um hymno de triumpho ou como uma gargalhada de escárneo atirada contra a impotencia da terra. Mas, ao passar, a avalanche liquida desaggregava o barro, levando-o comsigo, levando indelevelmente gravada a sua côr vermelha, mancha que acompanhava as aguas o infinito, como si fosse o sangue de corpos invisiveis...

. . . .

Como o rio, eu seguia tranquillo pelo caminho da vida. Jamais pensára no amor e as mulheres para mim eram apenas illusões nunca tocadas, cuja duração seria tanto mais longa quanto mais afastado dellas eu estivesse.

E tu vieste do infinito onde vivias. Como a barreira sobre o curso do rio, cahiste em minha vida inesperadamente, fatidicamente, pondo em minha existencia uma quadra que não me lembro de ter vivido, porque nessa época a minha vida eras tu e eu nada sabia do mundo ou do que me cercava. Nem sei

— IV —

DERROCADA

si fui feliz. Si felicidade é ter como fanal os olhos de uma mulher, é ter como atmosphera o calor de um halito, é ter como universo um sorriso de criança má e um corpo de boneca tyrannica, ninguem jamais foi tão feliz quanto eu. Mas, como até hoje não sei ao certo o que é felicidade, penso, ás vezes, que aquella quadra bem póde ter sido a quadra da suprema tortura...

Si a força da vida me vinha de ti, eu te pagava offertando-te essa mesma vida no que ella apresentava de mais risonho: a mocidade. Si tu me davas a inspiração e si me florias a existencia, eu te devolvia tudo, dando-te as minhas illusões e os meus sonhos: sonhos de moço e illusões de crente!

Um dia!... Um dia, cedeste ao mundo, e eu voltei a seguir o curso da existencia caminho do infinito.

Mas a minha vida não teve mais a calma de outro tempo, a doce limpidez do antigo curso. Manchando-a, ennegrecendo-a, sombreando-a, anda agora o lodo da saudade, a lama da lembrança. Eterna e indelevel, ficou em minha alma o barro pegajoso da recordação, esta mancha do passado que é mais forte do que tudo e que minhas lagrimas não conseguiram ainda apagar.

O que mais me revolta, porém, não é pensar que eu tenha saudades, ás vezes, reconforta. Revolta-me o pensar que, apesar de tudo, tenho saudades de ti...

Nos Cinemas da Avenida

Cotações: OPTIMO — MUITO BOM — BOM — SOFFRIVEL — MÁO — E . . . DETESTAVEL

CINEMA ODEON

CHERCHEZ LA FEMME

Da First-National

E' uma alta comedia, de situações delicadas e vibrantes, que prendem a attenção do publico e o levam á emoção. Ha situações, um tanto cruas, que podem chocar espiritos, honestos e bons. Mas ha logica na sequencia dos factos, considerando o ambiente em que elles se desenrolam. Depois. . . aquellas cousas passam-se na Asia. A direcção é bôa e a technica segue-lhe as pisadas. A interpretação, aliás entregue a grandes nomes, decorre sem grande calor. Billie Dove é uma formosa, de lindos olhos. Mas, por vezes, é só isso. Antonio Moreno está n'este film, á altura do seu valor, que não é muito. Noah Beery sempre o mesmo grande artista. Finalmente, a pelicula tem o seu valor. Quanto a syncronisação. . . *Chercher la femme* é um bom film silencioso.

Cotação — BOM

CINEMA ELDORADO

A MULHER SEM DEUS

Da Pathé

Bastava que só esta pellicula estivesse o nome de Cecil DeMille para se garantir a grandiosidade da realisação. O realisador de *Dez Mandamentos* não sabe fazer as cousas em pequeno, tudo n'elle — até mesmo n'estes enredos simplorios — tem de ser feito em grande os grandes problemas moraes exercem sobre o seu espirito uma atração irresistivel. Uma lucta entre crentes e atheus é a base d'este argumento em que ha bastante inverosimilhança, mas em que o espectador é levado á interessar-se pelo desenvolvimento da acção. No cartaz ha um grande nome a destacar: o de Norah Beery, que é um artista na plenitude da significação do termo. A technica é boa, se bem que excessiva em artificios nas scenas finaes. Vale com tudo, principalmente, porque a ajudou uma direcção em que se reconhece a garra do talento.

Cotação — BOM

CINEMA PATHE' PALACE

UM AMOR POR UMA VIDA

Da Fox

Não se dirá que este film nos tenha trazido alguma cousa de novo, nem tão pouco que elle represente, na verdade esse afan mystrioso cuja vida politica tanto em foco se apresenta n'este momento. Tudo isto são, porém, circumstancias secundarias em presença da alta qualidade d'esta pellicula que a Fox trouxe ao nosso mercado. E essa alta qualidade é a interpretação verdadeiramente impeccavel, com um rigor psicologico, uma riqueza de detalhe, que só realisam artistas do valor de Rod La Rocque, Marceline Day, Douglas, Gilexore, tres admiraveis nomes que dão alma a este apaixonado e romantico argumento. A syncronisação limitou-se á musica. Ainda bem. Evitou-se d'este modo muita incoherencia, como seria por exemplo, a de vêr arabes a fallar inglez como. . . Lloyd George.

Cotação — BOM

O VOSSO DOÚTOR

aconselha-vos a tomar o

DIGESTONICO

do Dr. VICENTE

Appr. D.N.S.P. sob o N° 169 em 24-3-1927

contra

as dôres do estomago

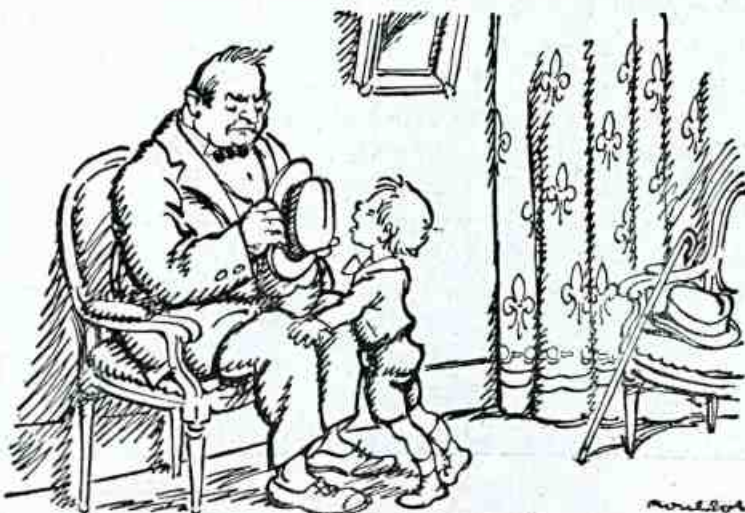
ARDORES

DYSPEPCIAS

ACIDAS

Laboratoire des "PRODUITS SCIENTIA" - PARIS
A venda em todas as Pharmacias

O DENTOL (agua, pasta, pós, sabão), é um dentifricio que além de ser um excellente antiséptico é dotado de um perfume muito agradavel.

Fabricado segundo os trabalhos de Pasteur, endurece as gengivas. Em poucos dias dá aos dentes uma brancura de leite. Purifica o halito, sendo especialmente indicado para os fumadores. Deixa na bocca uma sensação de frescura deliciosa e persistente.

Si tu t'étais lavé les dents avec le Dentol, t'aurais pas été forcé de t'acheter un râtelier 1800 francs.

— Se tivesses lavado os dentes com Dentol, não terias tido necessidade de comprar uma dentadura por um conto de reis.

O DENTOL encontra-se em todos os bons estabelecimentos que vendam perfumarias e nas Pharmacias. Approvado pela D. N. S. P. em 27 de Maio de 1918, sob os ns. 196-197-198.

DEPOSITO GERAL:

CASA L. FRERE

19 RUE JACOB, PARIS

VIDA DOS CAMPOS

NOTICIAS DE TODA A PARTE

INFORMAÇÕES FORNECIDAS PELO DEPARTAMENTO DE PUBLICIDADE DA SOCIEDADE RURAL BRASILEIRA

PEQUENOS CONSELHOS

Seja o lavrador prudente. A prudencia é que nos leva á prosperidade.

* * *

Mas o que será prudencia?

Prudencia é gastar o possivel.

Mas o que será possivel? Por acaso gasta-se o impossivel?

* * *

As respostas são simples. Não se gasta o impossivel, porém desperdiça-se o possivel. Ora, o desperdicio do possivel é, justamente, o gasto do impossivel.

* * *

Sinão vejamos: um lavrador lucrou dez contos com a sua propriedade. Elle não deve gastal-os todos. A prudencia dicta que elle gaste o que estava acostumado a gastar, quando ainda não os possuia. Tome depois da metade daquillo que lucrou. Aperfeiçôe a sua propriedade. Gaste a metade do restante na maneira que julgar necessario. Por fim, guarde a outra metade. Esse resto guardado, amealhado, chama-se "reserva".

* * *

"Reserva" é a consequencia mediata e immediata da prudencia. Aquelle que não fez "reserva" nunca foi prudente. E esteja esse incauto certo disso: soffrerá, mais cedo ou mais tarde, as consequencias da sua propria culpa.

Cincinato.

UM HOMEM FELIZ

MATHUSALEM! — Tadija Mustafic é considerado o homem mais velho da actualidade. Vive em Polok, na Herzegovina (Iugo-slavia) e tem 153 annos de edade. "Nasci em 1773, declarou elle. Tenho levado uma vida regular, toda consagrada aos trabalhos dos campos. Procurei evitar sempre os prazeres excessivos e as grandes preoccupações. Nunca adoeci e pouco alcool bebi. Devo, porém, declarar que até aos cem annos apreciei o bello sexo sem muita moderação".

IMPORTAÇÃO DE CACÃO BRASILEIRO NA SUISSA

Já ha muitos annos que o chocolate occupa um logar privilegiado entre os productos fabricados na Suissa, já pela sua qualidade, já pela importancia da sua exportação, que, no anno de 1928, foi de 33.968.684 francos, o que constitue uma parcella de valor na balança economica da Confederação.

Si para o fabrico deste producto a Suissa possue o leite, a mão de obra especializada, a parte technica, etc., falta-lhe, entretanto, a principal materia prima, a fava de cacáo, que tem de ser importada de diversos paizes, tendo attingido o total desta importação, em 1928, a 14.630.115 francos suissos. E' a Africa Occidental a principal fornecedora, com cerca de 9 milhões de francos, occupando o Brasil o segundo logar, com francos 1.892.005. Esta differença é bastante eloquente, mostrando quanto ainda temos de aperfeiçoar os nossos methodos de exportação para podermos melhorar a nossa actual posição.

Vista geral dos pavilhões da Exposição Permanente de Industria Animal de S. Paulo.

AS FRUCTAS EM SÃO PAULO

De accôrdo com o relatorio do chefe da secção de Industrias e Economia Rural de São Paulo, ha em varios municipios do Estado, mais de 1.300.000 laranjeiras, com produ-

ção superior a 1.400.000 caixas de laranjas, avaliando-se a área já cultivada em 1.250 alqueires approximadamente. Os municipios onde a cultu-

LAVRADOR!

Melhore os seus productos. Lembre-se que os seus concorrentes nos combatem com a qualidade dos productos que fabricam. Tome nota desta verdade para lemma da sua vida agricola: melhor producto, melhor preço.

ra é maior, são Limeira, Sorocaba, Taubaté, Caçapava, Araraquara, Rio Claro, Jacarehy e Campinas.

tar o maior interesse como culturas promettedoras, sendo de 5.000 toneladas a producção viticola annual.

Os resultados da pomicultura em São Paulo valem por valiosa conquista e são o indicio seguro da importancia que essa exploração agricola poderá assumir, em futuro proximo, na economia do Estado. O valor representativo de suas colheitas fructicolas — 40.641 contos — já ultrapassa a somma dos orçamentos

da receita de alguns Estados, concorrendo, agora mesmo, os productos da pomicultura com mais de 17.300 contos para o total das exportações paulis-

A área occupada pela cultura da bananeira tambem é vasta: comprehende 6.000 alqueires, contando-se mais de 10.900.000 pés, que produzem, em média, 13.300.000 cachos. Os municipios em que o plan-

F O N - F O N

Para consultas: recorte o coupon e remetta-o para o endereço abixo:

Nome.. .. ..

Endereço.. .. ..

Á

Sociedade Rural Brasileira
Rua Libero Badaró, 45
São Paulo

tio é mais intenso são os de Santos, São Vicente, Mogy-Mirim e Jaboticabal; só em Santos se registam, ultimamente, mais de 4.208.000 pés. O cultivo do abacaxi, ainda limitado, promette, comtudo, rapido desenvolvimento, calculando-se a

BRASILEIROS!

A polycultura consiste em resistir pacificamente á emigração do nosso ouro. Si produzirmos de tudo, compraremos o minimo. Dessa fórma teremos estabilizado nossa balança commercial e garantido um futuro estavel para o paiz.

producção em cerca do 7.400.000 fructas. As uvas, as mangas, as pêras e os abacates entram, do mesmo modo, a dispu-

tas, quanto a mercados estrangeiros.

RESTAURANDO O VIGOR DAS PLANTAS COM O RADIO?

Em geral, uma vez murchas ou quasi seccas, as plantas e as flores são abandonadas. Pois, segundo um chimico "yankee", de agora avante, já poderão ser aproveitadas, isto é, restauradas, á apparencia de vida. O processo consiste em dar uma mão de tinta de radio preparada pelo proprio chimico occidental "yankee". Grande cuidado é tomado na fabricação e na applicação da mistura, para que os elementos chimicos entrem na devida proporção, de modo a se poder obter bons resultados e não prejudicar a flor.

O que nem todos sabem

Na opinião de alguns hygienistas, o cigarro, sobretudo o turco ou egypcio, é mais prejudicial para a saude do que o charuto puro, e o cachimbo occupa o termo médio.

•

A actual cidade de Sucre, na Bolivia, chamava-se, antigamente, Chuquisaca, palavra que em quichua quer dizer *Ponte de Ouro*, em virtude dos abundantes metaes preciosos que havia na comarca.

•

O chrysanthemo é originario da China, e a sua procedencia perde-se na noite dos tempos, pois Confucio, que viveu quinhentos annos antes de J. C., se refere a essa flor nos seus escriptos. Mas essa denominação, cumpre notar, é muito mais moderna, porquanto os chinezes lhe dão o nome de "yok lung kok fa". Os japonezes conseguiram obter numerosas e bellas variedades, inteiramente novas, dessa flor. E, em 1876, o Mikado creou a "Ordem do Chrysanthemo", que é representada por essa flor, de ouro, numa larga fita vermelha.

Em 1764 o chrysanthemo foi, pela primeira vez, cultivado na Inglaterra, no jardim botanico de Chelsea. Um specimen secco dessa primeira producção figura no "British Museum" de Londres. Mas essa cultura foi logo abandonada na Grã-Bretanha.

Em 1795, o marselhez Blanchard, que voltava da China, dali trouxe numerosos exemplares; e desde então, a cultura do chrysanthemo não cessou de prosperar na França.

•

Nos bosques da America do Norte ha uma ave que exerce a profissão de vigilante. E' uma especie de gralha, de bello aspecto, conhecida pelo nome de *trombeta dos mies*, pois, com seus gritos, avisa aos habitantes alados da selva quando se aproxima para elles algum inimigo. Reune-se, então, num grupo com os de sua especie, e luta com os intrusos.

•

A aza de um passaro é, em proporção com o seu peso, vinte vezes mais forte do que o braço de um homem.

Lanternas de Papel

(Conclusão)

Consta que, tranquillamente, fez cahir dos labios, como um anathema, estas palavras:

— Não parará de chover no Rio de Janeiro emquanto não crescêrem as minhas barbas!

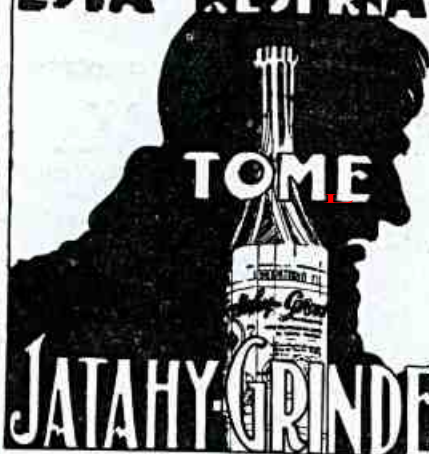
Assim, parece que é e será. Assim, a chuva continua tem demonstrado. Evitemos a humidade causadora de grippes e os temporaes fautores de enxurradas, inundações e outros productos do urbanismo moderno. Ergamos os olhos para o céo e peçamos a Deus que não desencadeie o dilúvio, algemado desde o tempo de Noé, somente por causa duns cabellos encaracolados do queixo dum propheta vagabundo. Roguemos-lhe que se amerceie de Sebastianopolis, da sua policia violenta e dos seus psychiatras petulantes e pelos que respeitam o propheta perdôe os que o offendêram, lembrado de sua promessa no tempo de Sodoma: si houvesse tres justos, salvaria a cidade culpada; imploremos-lhe mais que inspire a direcção do Hospicio no sentido do Dr. Juliano Moreira, já que os taes barbas não podem crescer da noite para o dia, milagrosamente adquirir para o uso do propheta umas barbas postiças...

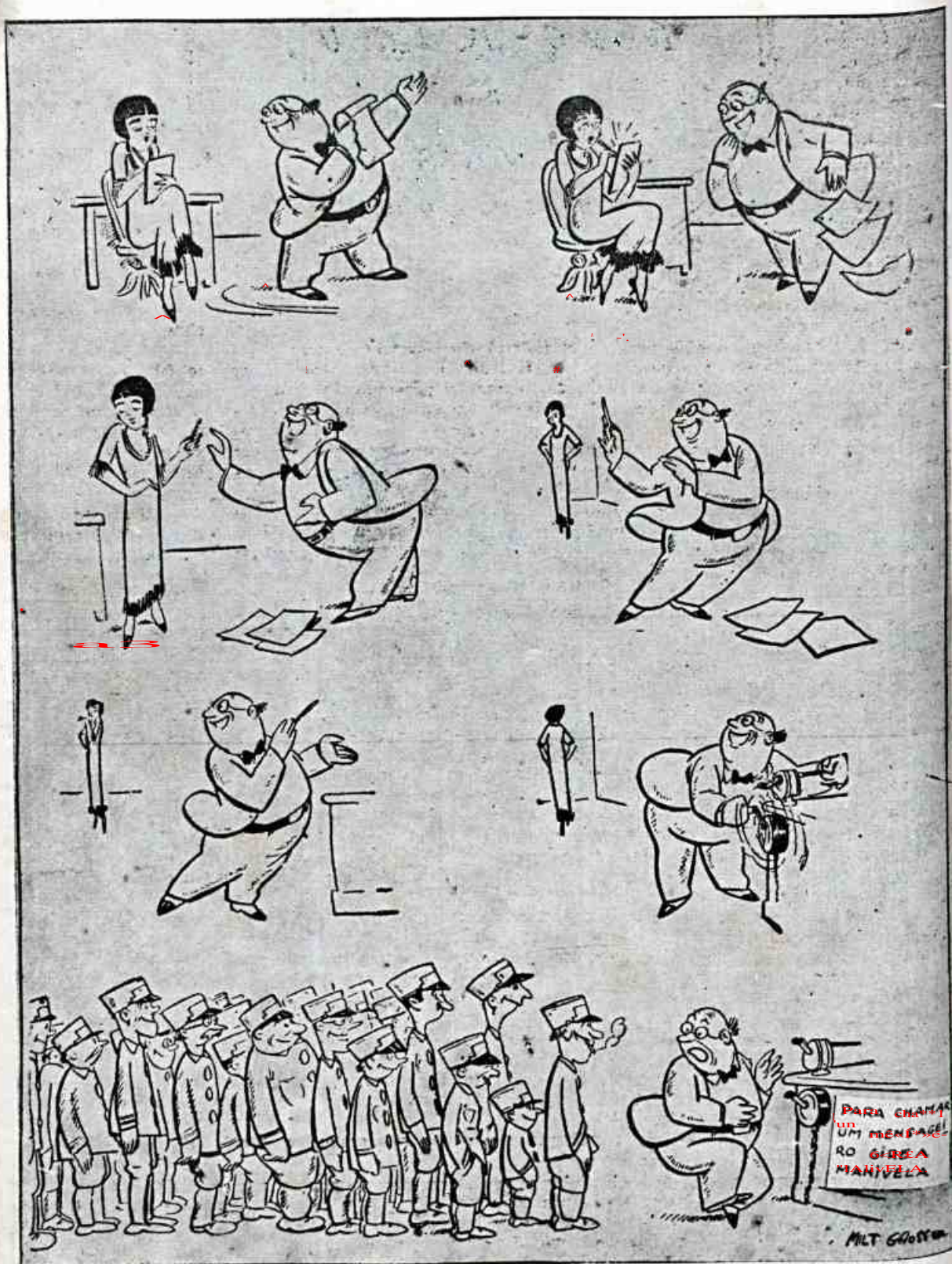
CLAUDIO FRANÇA

COMO CONSERVAR O CABELLO EM BOM ESTADO

Não importa que o seu cabello seja ruivo, negro, castanho ou de côr vermelha. Se quereis conserva-lo abundante, brilhante e em bôas condições geraes, deveis cuidal-o continuadamente. Muitas senhoras descuidam por completo o seu cabello, crendo que mesmo assim elle sempre parecerá bem. Isto é absurdo. Vou dizer-lhes como eu trato o meu cabello: Antes de tudo, não deixo de escoval-o nem uma noite, por mais cansada que me sinta. Depois, cada duas semanas, lavo-o bem, usando para esse fim uma colherada de stallax granulado dissolvida em agua quente, enxugando-o bem, depois, e seccando-o com toalhas quentes. O resultado é simplesmente maravilhoso.

SEIOS
Firmes, desenvolvidos ou reduzidos, resultados com 3 tratamentos. Um verdadeiro successo! Moderno aperfeiçoamento.
Escreva-nos.
ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA
Avenida Rio Branco,
e 7 de Setembro, — Rio
— PEÇA CATALOGO GRATIS —
ASB

Exijam o legitimo
SABONETE CREOLINA
PARA BANHO E USO MEDICINAL
SABONETE VETERINARIO
CREOLINA
COM O FACSIMILE DA LATA DE CREOLINA
PEARSON NO VERSO DOS ENVOLUCROS

ESTÁ RESFRIADO?
TOME
JATAHY-GRINDELIA
TOSSES
BRONCHITES
ROUQUIDÃO

ESPIRITO ALHEIO

SIMPLES ERRO — A singular aventura do empregado apaixonado e distrahido que se enganou de manivela, quando a creatura de seus sonhos lhe pediu que fizesse a ponta do lapis...

A MULHER FASCINANTE

De KATHERINE BRUSH

A ultima carta do montezinho que lhe haviam levado em um canto de bandeja de prata, onde lhe serviram o café, era de côr marron escuro, quadrada, dura e pesada, e sem duvida de um homem.

A artista reparou nella casualmente ao levar aos lábios a delicada chicara de purissima porcellana com decoração doirada. Aquella carta trazia dois sellos e fôra posta no correio de New-Haven.

O café estava ainda muito quente para ser tomado. Com leve ruido metálico, a bellissima artista tornou a depositar a chicara na reluzente bandeja, e passou apenas pelos lábios um guardanapo com bordas de renda. Tomou a carta em seus dedos finos e bem tratados, e, depois de lançar uma olhadella pela primeira de suas paginas, voltou estas para chegar á ultima — a setima — e ver a assignatura: *Brock Henderson*.

Sob este nome, a um lado, havia escripto o seguinte: "922, Estação Yale, 2 de abril."

A artista esboçou um sorriso. Devia ser um homem joven quem lhe escrevia.

Accommodando-se mais confortavelmente entre as almofadas amontoadas ás suas costas, começou a ler:

"Por favor (a carta começava assim, com *letras maiusculas*) não pense que sou dessa classe de homens que costumam fazer destas cousas. Dou-lhe minha palavra de honra como nunca escrevi uma carta como esta, e como nunca sonhei em escrever alguma. Não me parecia possivel que existissem homens tão estúpidos que o fizessem. Mas isso... isso era antes de a ter conhecido!

"Lembra-se daquella noite do passado mez de outubro, em que trabalhou em New-Haven, antes de seguir com sua companhia para Nova York? Foi essa a noite memoravel em que a vi pela primeira vez. Eu era aquelle rapaz que, sentado na quarta fila da platéa, respirava afanosamente e cujo vizinho foi obrigado a empurral-o com o cotovello para que deixasse de applaudir com tanto enthusiasmo.

"Eu nunca a tinha visto antes, e sentia em mim alguma cousa inexplicável... Alguma cousa que... Bem. Isto é assumpto meu. O certo é que, desde então, ha tres cousas que me trazem transtornado: a primeira é você, a segunda é tambem você, e a terceira é ainda você..."

* * *

Aqui terminava a primeira pagina. A artista collocou-a debaixo da ultima, e, conservando no alto as folhas de papel, com a mão esquerda, que descansava sobre o acolchoado de seda vermelha que lhe cobria os joelhos, provou o café.

E depositou novamente a chicara na bandeja, para continuar a ler:

"Por certo que comprehendo que minha historia possa não interessar-lhe e que provavelmente esteja você bocejando ao lel-a. Mas é um sentimento mais forte que todas estas reflexões o que me leva a narrar-lha."

A carta prosegue detalhando a profundissima impressão que ella produzira naquelle homem. Parecia que elle a vira trabalhar sempre que fôra possivel. Cada fim de semana ia a Nova York apenas para vel-a no palco. E uma vez — sobre isto escreveu duas paginas completas — conseguira observal-a quando, ao retirar-se do theatro depois do espectaculo, sahia pela porta lateral, reservada aos artistas, e tomava seu carro.

Dizia-lhe que levava ella, nessa occasião, um agazalho de pelles, "todo branco como um grande floco de neve", e que lhe pareceu, então, ainda mais maravilhosamente linda que no palco. Nesse momento se sentira horrivelmente ansioso de falar-lhe, de dizer-lhe alguma cousa do que o atormentava, mas que não se atrevera: "... Poderia você ter-me tomado por um atrevido qualquer, e isso eu não supportaria..."

Lia elle, avidamente, tudo o que se escrevia sobre ella em jornaes e revistas. Devorava todas as entrevistas que os jornalistas tinham com ella. Todos os artigos em que apparecia seu nome. Sabia onde ella residia, como era seu lar, quaes eram os cigarros que fumava. Sabia, egualmente, que, apesar de sua fama, ella não era senão uma jovenzinha — "mais ou menos de minha edade", dizia — e isso, sem saber por que, lhe proporcionava uma como satisfação intima, uma como approximação secreta entre elles.

Conhecia perfeitamente seus costumes, sua vida, e tudo o que fazia parte della: as festas a que comparecia, os perfumes que usava, as flores que preferia e as homenagens que recebia. Ella era para elle uma mulher inaccessivel e longinqua, nascida para a fascinação, para a alegria, para a dança e para o amor. "Uma *mulher orchidea*, si não fosse esta uma comparação muito banal." Emfim, algo exótico, muito esquisito e muito raro.

Nessa parte a carta se tornava mais pessoal: a letra meticulosa da primeira pagina era agora mais corrida, mais rápida e apertada, como si, uma vez que havia dado expansão a seus sentimentos, não pudesse mais contel-os.

"Não creio, nem acalento a sua remota esperança de que algum dia possa eu falar pessoalmente com você. Embora sendo tão optimista como o seu para quasi todas as cousas da vida, a esse respeito francamente, não me sinto com poder para derribar a enorme barreira que separa uma mulher como você de um homem como eu. Outros talvez conseguissem vencer o obstaculo, mas eu... eu nunca poderia expor-me a que você troçasse de mim.

"Apesar disso, que eu chegue algum dia a falar-lhe, ou não, pouco importa, pois de qualquer maneira você me pertence: você faz parte de minha vida, do ar que respiro, da musica que eu ouço, da luz que vejo; você está em todos os meus sonhos, em todos os meus actos. Si beijo alguma mulher, fecho os olhos, e é você quem beijo. Você é como um deslumbramento fascinante.

"E essa seducção infinita que emana de você de que estou tão loucamente apaixonado, é algo muito meu, que ninguem poderá tirar-me nunca!

"Não relerei isto antes de lh'o enviar, porque sei que, lendo-o, não levarei ao correio esta carta."

Ao terminar a leitura daquella missiva, a artista reuniu, devagarinho, uma a uma, as folhas de papel e as collocou muito bem ordenadas sobre a mesa. Por um momento permaneceu um tanto pensativa. Seus lábios se contrahiram em um leve sorriso, muito suave, muito doce, como si se houvesse commovido.

E em seguida tudo esqueceu completamente.

Bebeu seu café e fumou um cigarro importado. Seu rosto adquiriu immediatamente uma expressão de reconcentrada gravidade, e ella permaneceu como que absorta em idéas novas, que lhe faziam franzir o cenho.

E, de repente, de sobre um movel proximo, apanhou um lapis de prata e, com dedos nervosos e movimentos apressados, arrancou um pedaço de uma daquellas folhas amorosas da carta marron escuro e começou a escrever nella suas notas:

"Pyjamas.
"Toalhas de banho.
"Um cordão novo para o ferro electrico.
"Meias.
"Corpinhos..."

CASA GUIOMAR

CALÇADO "DADO"

Telephone Norte 4424

AVENIDA PASSOS, 120 - RIO

32$ Fina pellica envernizada, preta, com fivela de metal Luiz XV, cubano, médio.

42$ Em fina camurça preta.

Pellica envernizada preta, com naco cinza ou beije, salto baixo:

De ns. 28 a 32 .... 25$000

De ns. 33 a 40 .... 28$000

Todo preto, menos 2$000.

Porte, 2$500 em par.

32$ Fina pellica envernizada, toda preto, ou combinação de naco Rosa ou Cinza, Luiz XV, cubano médio.

Porte, 2$500 em par.

Superiores alpercatas de pellica envernizada, preta, typo meia pulseira, com florão na gaspea:

De ns. 17 a 26 .... 8$000

De ns. 27 a 32 .... 10$000

De ns. 33 a 40 .... 12$000

Em naco beije, mais 2$000.

Porte, 1$500 em par.

Catalogos gratis, pedidos a

JULIO DE SOUZA

SELECTA A RAINHA DA ARTE MUDA

ANNUNCIOS, DESENHOS, ORGAMENTOS, IDEIAS

Assignaturas para todos os jornaes e revistas nacionaes e estrangeiras

AV. RIO BRANCO, 157-1° (EDIF. GUINLE)

TELEPHONE N. 2556

GRATIS

"Arte de trabalhar com lacres Dennison"

PERMITTI-nos que vos enviemos esse folheto descriptivo, illustrado, gratuitamente. Ensina a fazer attractivas contas, pendentes, e muitos outros ornamentos lindos com lacres de Dennison.

O trabalho é fascinante e facil de aprender. Sirvam-se V.V. S.S. a pedir-nos o folheto No. FW, "A Arte de Trabalhar com Lacres Dennison."

Podeis comprar o lacre Dennison em toda a parte.

Dennison Manufacturing Co.

Caixa Postal 2105, Rio de Janeiro

O DUELLO

De
J. J. BERNAT

Os duellos, como os suicidios, os dramas passionaes, as inundações e a grippe, surgem inesperadamente, abundantemente.

Estamos tranquillamente em nossa vida intima, quando, de repente, zás!, um caso; depois outro e outro, e muitos mais, até que passa a epidemia e nos deixa viver socegados outra temporadinha.

E é que a honra — oh, a honra! — soffre crises periodicas, que se costumam manifestar em erupções de susceptibilidade aggressiva, e, por um motivo insignificante, qualquer cidadão manda os padrinhos a outro.

Si fossemos sinceros, confessariamos que, além da honra, ha em jogo, na maior parte dos duellos, muito de vaidade. E é natural: é tão honroso, neste seculo, o se ter batido em duello!...

O peor é que os duellos, como outras cousas, não são para todos. A muitos falta a coragem necessaria...

* * *

Bento Guerra, um homem multo bom e muito rico, teria dado toda a sua fortuna para se bater em duello.

Mas...

Um dia, elle me confessou francamente.

— Escute — disse-me — o sonho doirado de toda minha vida é ter um lance de honra.

— Homem — respondi-lhe — isso é uma cousa que está ao alcance de todo o mundo. Procure o meio de alguem lhe desferir uma bofetada. Você lhe manda os padrinhos, exige uma reparação pelas armas, e...

— Mas... si meu adversario me mata?

— O caso não é muito frequente, mas sóe acontecer.

— Pois ahi está a cousa. E' isso, precisamente, o que...

— Tem medo?

— E' possivel... Mas, não é bonito que me mettessem uma bala na cabeça, ou que me dessem uma estocada na bocca do estomago.

— Pois, quem não se arrisca... não petisca... ou não passa o mar.

— Sim, é verdade... Mas eu prefiro ficar em terra.

Mas, como o homem propõe e Deus dispõe, Bento Guerra embarcou... em um duello. Um dia, quando menos o esperava, se viu envolvido em uma discussão um pouco acalorada, e, de repente, recebeu uma das mais soberbas bofetadas que se deram neste mundo.

Alguns amigos carinhosos — que amigos tem Bento Guerra! — intervieram no assumpto. Disseram-lhe que aquillo não podia ficar assim, que a offensa reclamava sangue, que era preciso lavar a honra manchada, e uma porção de phrases semelhantes, que afugentaram o medo de Bento ao ponto de se resolver elle a escolher-me e a outro amigo para exigir de seu offensor uma reparação armada e marcasse o dia e hora para o duello.

Fomos procurar o aggressor, que nos manifestou, por intermedio de seus representantes, que estava disposto a retirar a bofetada. Como, porém, se negou a receber uma que lhe daria Bento Guerra, unico meio, na minha opinião, de reparar a offensa, o caso não ficou solucionado, e se assentou o lance de morte.

— Não poderiamos resolver isso de outro modo? — disse Bento, ao ter sciencia do facto.

— Agora está tudo assentado, e não é possivel nem bonito retroceder. Vocês se baterão a quatorze passos, avançando um passo a cada tiro e atirando até cahir um dos dois ou até que não reste mais uma bala nos revolveres de ambos. Só assim consideramos que poderá ficar limpa sua honra.

— Oh, a honra!

Relatou-se a acta respectiva, um de nós se encarregou de divulgar o duello pelos jornaes, que publicaram nossos nomes, e, terminadas todas as diligencias attinentes a esses casos, fomos dormir tranquillos, com a consciencia do dever cumprido.

Chegou o dia do lance. Fomos buscar Bento Guerra, e nos dirigimos para um terreno de dez por cincoenta, lá para os lados do Leblon, propriedade de outro padrinho, que o comprou a prestações.

O duello fôra marcado para as sete da manhã, mas até dez estivemos esperando, sem que apparecessem, o adversario de Bento Guerra e seus padrinhos.

Resolvemos esperar até as onze e, como estavamos ainda em jejum, o outro padrinho foi a um armazem proximo, voltando após poucos minutos, com alguns fiambres.

— O peor é que não pude conseguir pão — disse. No armazem não havia, e a padaria mais proxima fica a uns dez quarteirões de distancia.

— Eu os tirarei do apuro — exclamou Bento Guerra.

— Como?

— Vocês acham que meu adversario virá?

— Parece-me pouco provavel. Mas, embora chegasse a vir, o duello já não se podia realizar.

— Pois, então...

E, mettendo a mão no bolso, tirou Bento Guerra dois pães de meio kilo cada um.

— Que significa isso? — exclamámos, a um tempo, eu e o outro padrinho.

— Que querem vocês?... Como eu tinha tanto medo e sempre ouvi dizer que os duellos com pão são menos...

— Que, Bento Guerra!

O medo o transformou em vil imitador de Muñoz Seca.

A COZINHEIRA

De LUIS E. MONTÉLLEZ

ERA voz corrente que *sinhá* Hippolita — mulher que não tinha mais de uma palavra — era uma excellente cozinheira. Embora os que proclamavam suas excellencias jurassem pelas cinzas de seus mortos que diziam a mais pura verdade, eu não me mostrava inclinado a crêl-o. E tinha uma razão muito poderosa para pôr de quarentena tal asserção: seu marido, que passára a melhor vida havia muitos annos, morrêra, segundo se disse, intoxicado pelas pessimas comidas que ella lhe preparava.

No emtanto *sinhá* Hippolita era summamente solicitada. Quantos diziam conhecer suas habilidades culinarias, toda vez que tinham de sentar hospedes á sua mesa, recorriam a ella, desejosos que os taes, ao partir, não deixassem de elogiar o bom gosto de seus amphytriões.

Tanto se disse e tanto se fez em prol da bôa fama de *sinhá* Hoppolita como cozinheira, que um dia, tendo de sentar á minha mesa um parente de minha mulher, homem rico, velho, viuvo e sem filhos, mandei chamal-a a minha casa e lhe encommendei a confecção de um magnifico e appetitoso menú que, alem de impressionar gratamente a nosso rico commensal, o decidisse a passar uma temporada em nossa companhia, que aproveitariamos, minha mulher e eu, para inclinal-o a nosso favor á hora de fazer seu testamento.

Prometteu *sinhá* Hippolita que nosso convidado havia de chupar os dedos de gosto. Demos-lhe plena liberdade para que adquirisse o quanto necessitasse afim de realizar seu commettimento, e a deixamos desenvolver-se amplamente na cozinha, confiando — muito pouco, desgraçadamente — em que nos deixaria tão bem parados como, segundo se dizia, costumava deixar a quantos recorriam a suas artes culinarias.

Esse parente de minha mulher — tio, apenas — era um homem nervoso e impulsivo. Parecia ter nas veias polvora em logar de sangue. Era frequente vêl-o exaltar-se por dá ca aquella palha. Mas valia a pena supportal-o, uma vez que era muito rico e não era para temer que levasse para o tumulo seu dinheiro, que de nada lhe serviria no outro mundo.

Tio Olegario — era este seu nome — chegou na manhã do dia fixado para sua visita. Vinha da casa de outro parente, onde permanecêra um dia, ese propunha visitar todos os que lhe restavam para conhecer suas modalidades e resolver, por fim, na casa de quem podia ficar residindo e esperar, sentado, a hora da morte. Aboletado em um sofá, tio Olegario tomou a palavra depois de ter tomado dois copos de agua:

— Como já sabem, sou sozinho e livre como uma andorinha. Digo andorinha e não outra ave para dar-vos uma idéa de meu espirito vagabundo. Nada me prende a nada, nem dependo de ninguem. No dia em que morrer, pois não creio ter a dita de ser immortal, posso instituir meu herdeiro aquelle que bem entenda, e, naturalmente, que será aquelle que mais o mereça.

Minha mulher e eu, escutando-o, exultavamos, tanto por saber que elle não era immortal como pela satisfação de poder herdal-o. Mas, em meio dessas alegrias, havia algo que nos fazia tremer. Esse algo era *sinhá* Hippolita, de cujos dotes de bôa cozinheira continuavamos duvidando. De sua arte culinaria dependia a conquista da vontade e do dinheiro de tio Olegario. Si aquelle primeiro almoço não lhe agradasse, elle nos afastaria de entre seus possiveis herdeiros, assistido pela duvida, não por certo disparatada, de que haviamos pretendido envenenal-o...

Sentados como estavamos, ouvindo-o falar até pelos cotovelos, de repente chegou a nossos ouvidos um cantar monotono e de fazer dormir. Era *sinhá* Hippolita, que, emquanto preparava o almoço, se entretinha em recordar os cantos insipidos de sua longinqua infancia. Tio Olegario aguçou os ouvidos para escutar melhor, e disse, afinal:

— Quem canta assim tão mal?

— Ora... nossa cozinheira — disse minha mulher, vermelha de vergonha.

E já suppunhamos vêl-o fazer carêtas de asco ante a perspectiva de ter que ingerir o que estava preparando aquella tão má corista, quando o ouvimos exclamar, batendo palmas:

— Bravos! Vejo que vou almoçar como um principe. Observei sempre, e nunca me enganei, que toda bôa cozinheira é uma pessima cantora. Segundo minha theoria, vocês devem ter, pois, uma excellente cozinheira.

*

EM meio do almoço, durante o qual eu e minha mulher não provámos um só dos pratos esquisitos preparados por *sinhá* Hippolita, tio Olegario confirmou:

— Não lhes disse? Vocês têm uma excellente cozinheira! Nunca, em minha vida, comi uns croquetes mais apetitosos.

Eu e minha mulher olhamos espantados nossos respectivos pratos.

— A que croquetes se refere o senhor? — perguntei.

— A estas. Então, não sabem o que estão comendo?...

No dia seguinte, tio Olegario se despediu de nós, com o proposito de continuar visitando a seus demais parentes. E, ao partir, nos disse:

— Minha ausencia será breve. Estou certo disso. Logo que termine minha visitação, voltarei para aqui e me installarei ao lado de vocês. Isto é, si não tiverem inconveniente em receber-me, podendo eu assegurar-lhes que não ficarão descontentes commigo.

— Oh! tio Olegario! O senhor será aqui recebido com todo o prazer e com todas as honras!

— Nossa casa está á sua inteira disposição, querido tio...

— Resolvo-me a isso, devo dizêl-o francamente, porque vocês têm uma excellente cozinheira. Ora excellente! A melhor cozinheira que já conheci... Um verdadeiro emulo de Lúculo e de Brillat-Savarin! Então, até a volta, meus queridos sobrinhos...

Quando tio Olegario partiu, corremos ao quarto que haviamos destinado a *sinhá* Hippolita, para moêl-a de abraços e comel-a de beijos, e á encontramos indignada arrumando seus trapos.

Vendo-nos, ella assim nos falou, furiosa:

— Saiam daqui! Não me toquem! Não me toquem, digo, porque mordo! O ultrage que me fizeram durante as duas refeições de hontem não tem nome. Olharam e cheiraram a comida com repulsão, como fazem os cães, e nem siquer a provaram. E como eu não admitto humilhação de ninguem e tenho uma só palavra, eis aqui minha resolução irrevogavel: deixo esta casa para nunca mais aqui voltar...

Representante exclusivo e responsavel : R. AUBERTEL. Caixa 1344. RIO DE JANEIRO

VESTIR
SEMPRE MODERNOS
E AUTHENTICOS
PADRÕES INGLEZES
COM
ARISTOCRATICA
ELEGANCIA

54

RUA DA CARIOCA

ALFAIATARIA
GUANABARA

REPARAR O QUADRO
NA VITRINE
COM O N — 54 —

Resultado obtido pelo uso das

PILULES ORIENTALES

Bemfazejas - Reconstituintes
(Appr. D.N.S.P. sob o Nº 87 em 26-6-1917.
Exigir o frasco de origem sobre o qual devem figurar o nome e o endereço de
J. RATIÉ, *Pharmaceutico*
45, Rue de l'Echiquier, PARIS
Agente Geral: A. DE COURNAND
87, Rua dos Ourives, *Rio de Janeiro.*
A venda em todas as Pharmacias.

Dame Française

ENSEIGNE SON IDIOME AVEC MEHODE TRÉS FACILE, AU DOMICILE DES ÉLÉVES.

Telephone Ipanema 0315

UM PHARMACEUTICO DA BAHIA,

o sr. Jeronymo Rosado Filho, attesta que tem aconselhado o uso do popular e efficaz

PEITORAL DE CAMBARÁ

de Souza Soares

nas affecções bronchicas e das vias respiratorias, tendo obtido em todos os casos os mais lisonjeiros resultados, razão pela qual aconselha o uso de tão energico preparado.

Para as tosses, bronchites, rouquidão, todos devem preferir o Peitoral de Cambará de Souza Soares, que conta mais de meio seculo de successos continuos.

A VENDA EM TODA A PARTE

TOSSES
CATARRHOS
BRONCHITES CHRONICAS
CAPSULAS
de
GOUTTES LIVONIENNES
de TROUETTE-PERRET
Creosote-Alcatrão - Balsamo de Tolu
Encontra-se em todas Drogarias e Pharmacias
Appr. D.G.S.P. sob o Nº 50 em 5-2-1887

Episodio da Guerra

SOBRE o grande leito branco, jaz um official, trazendo sobre si o uniforme dos boches. Seu rosto, horrivelmente desfigurado por um estilhaço de granada, sobresáe na alvura dos lençóes. Traz os olhos cobertos por espessa venda preta. Sentada perto delle, a enfermeira vela; de quando em quando, doloroso soluço lhe soergue o busto altivo e lagrimas silenciosas deslisam por suas faces bellas.

—"Meu filho, meu querido filho!"

Tira do seio um retalho de jornal, e lê: "Foi ardua a refrega; os francezes, inferiores em numero, deixaram no campo da honra para mais de duzentos heróes. E' avultado o numero de prisioneiros, entre os quaes se presume estar o bravo official Ivan de Clairvae, que não mais appareceu, tampouco seu corpo, apesar das perseverantes pesquizas feitas no intuito de encontral-o."

—"Meu Ivan, meu rico Ivan, preso nas mãos dos boches! Ah, a sanha dos malditos não o perdoará!"

O enfermo suspira profundamente; a pobre mãe olha-o com colera:

—" Raça execranda!"

Depois, com brandura:

—"Elle era desse porte, devia ter essa mesma edade e era bello! Meu pobre filho!"

Suas pupillas scintillam de odio, e ella exclama com furor:

—" Sim, sim, meu coração materno pede vingança!... Teus irmãos, boche do inferno, mataram meu filho! Olho por olho, dente por dente; tu morrerás tambem!"

O ferido desperta do seu lethargo e murmura, com voz debil:

—"Onde estou?!"

Ella sente impetos de estrangulal-o, e responde seccamente:

—" No hospital, entre francezes!"

O boche respira desafogadamente:

—"Muito ferido?!"

—" Não!"

—" Por que esta venda que me impede de ver?!"

—" Um estilhaço de granada offendeu-lhe os olhos: a luz faz-lhe mal!"

—" E' a enfermeira?"

—" Sou."

—" Noto que a sua voz é repassada de colera.

—" E' illusão sua!"

—" Ah, obrigado! Não sabe como me fazia soffrer! Estima-me, não é?!"

Ella ergue-se, derrama agua num calice e, tirando do seio um pequeno frasco, deixa cahir nella algumas gottas do seu conteúdo. Depois, caminha novamente para o ferido. Por um instante, a sua consciencia revolta-se á idéa do crime que vae commetter; mas a visão do filho, agonizando entre o inimigo, impelle-a:

—" Tome, beba; é o remedio!"

—" Por que? Fiz-lhe, acaso, algum mal?!"

A enfermeira conserva-se muda ante esta queixa dorida, que a não commove.

—" Não responde?!"

De um trago, elle esvasia a taça:

—" Agradecido; sinto que, em breve, graças á senhora, estarei bom!"

Invencivel torpor cerra-lhe as palpebras. Indifferente, aquella mãe desesperada contempla a sua obra: a imagem do filho a obseca.

Subito, a voz debil do boche balbucia:

—" Enfermeira"...

Esta comprehende: é a agonia da morte; não lhe responde.

—" Enfermeira... ouça..."

Ella aproxima-se:

—" Deseja alguma cousa?!"

—" Sinto-me morrer... Não comprehendo... ha pouco, tão disposto!..."

A sua voz torna-se mais fraca:

—" Dê-me a sua mão... quero falar-lhe..."

Ella dá-lhe a mão.

—" Vou sucumbir... sinto já em mim o frio da morte... Aqui... por baixo da minha blusa... um enveloppe de couro... uma carta para minha mãe...

Sua voz se torna mais fraca, vae baixando, progressivamente; fala aos arrancos, com esforço:

—" Jura fazel-a chegar ás suas mãos?!"

—"Sim".

—" Olhe: diga-lhe que morri pensando nella, sim?! Beije-a... adeus... adeus..."

A morte cerra-lhe para sempre os labios. A enfermeira abre-lhe a blusa e tira um enveloppe de couro, varado por uma bala e coberto de sangue. Puxa delle uma carta e tem um grito de surpreza ao ler o endereço:

"A Angela Clairvae — Saint-Denis, 45."

Tremula de emoção, rasga o sobrescripto e lê:

"Querida mãe. — Parto, disfarçado em boche, a inspeccionar o terreno inimigo. Si morrer, receba nesta missiva o ultimo adeus do seu filho Ivan."

João Ramos

VERSOS

SYMBOLO

Havia outrora uma arvore sem flores,
cujas raizes quasi calcinadas
pelos frios rigores
dos invernos crueis que se estendiam,
quasi não resistiam
aos embates dos doudos temporaes.

Depois,
houve o orvalho sereno duma noite...
E o balsamo do orvalho milagroso
que alguem, dentro da noite, lacrimava,
tornou subitamente
a arvore sadia...
O tronco desafiou os temporaes;
flores cobriram, numa linda orgia
perfumada,
aquella planta assim gelada
e fria,
e tão fria de outrora...

. . . .

Faz tanto bem beijar uma mulher que chora!..

XISTO BAHIA

PRESENTE
ideal para homens

NÃO ha homem que deixe de agradecer com sinceridade o presente de um Jogo de mesa Parker Duofold. Á sua vista e ao seu alcance acha-se a Caneta "Parker Duofold," que escreve sem pressão e suavemente.

Os pensamentos vôam, mas com a Caneta Duofold, de peso atomico e inquebravel corpo de "Permanite," é possivel registral-os, sem se cançar o cérebro e a mão.

Bases artisticas que se casam com as variegadas côres das canetas.

Só é legitima a Caneta que tem no corpo a inscripção

"Geo. S. Parker Duofold"

Unico Distribuidor no Brasil:
A. Cardoso Filho
Rua Buenos Aires, 141
Rio de Janeiro

Parker ▼ Duofold

7A

Acondicionado de forma a conservar o seu sabor e qualidades nutritivas

QUAKER OATS vem acondicionado em latas á prova de humidade, com tampas selladas com um rebordo metallico especial.

Quaker Oats é introduzido nas referidas latas e submettido á formidavel pressão de 10.000 kilos. Dest'arte, todo o ar é virtualmente expellido, evitando-se o perigo da deterioração, tão frequente nas latas em que o cereal é acondicionado á larga. É por isso que Quaker Oats chega ao consumidor com todo o seu sabor original e incomparavel valor nutritivo.

Justamente pelo facto de Quaker Oats ser enlatado sob grande pressão, ficando muito comprimido, a sua lata é menor do que outras similares, mas não o seu conteúdo, que é sempre algo maior.

O rebordo metallico da tampa fecha a lata hermeticamente, sem obstar, comtudo, a que possa ser aberta com a maxima facilidade. Conserve-a para seu uso, quando vasia, pois pode ser aproveitada como vasilha util e economica.

Exija a lata Quaker. Verifique a marca e a conhecida figura do Quaker, adquirindo assim a certeza de obter genuino Quaker Oats.

Quaker Oats

O PADRÃO MUNDIAL

A UNDERWOOD

é escolhida como padrão unico pelas maiores industrias, bancos, repartições publicas, pelos maiores estabelecimentos commerciaes.

É a unica machina que conquistou pelos serviços prestados pela confiança que adquiriu, o titulo de INVENCIVEL em todos os compeonatos. É a machina mais resistente, a mais veloz, a mais simples, A MAIS EFFICIENTE ! . . .

UNDERWOOD

Ha mais de 3.000.000 em uso

Unicos agentes

PAUL J. CHRISTOPH COMPANY

Ouvidor, 98 — Rio. S. Bento, 36 — S. Paulo.